FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA
JARDIM BOTÂNICO
PLANTAS
MEDICINAIS
do JARDIM BOTÂNICO
de Porto Alegre

Ninféias
(Foto: José Fernando Vargas, 2017)

Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul

Ministério da Saúde

Projeto Arranjo Produtivo Local de Plantas Medicinais
e Fitoterápicos do Rio Grande do Sul - APLPMFito/RS

PLANTAS MEDICINAIS DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE

Clarice Azevedo Machado
José Fernando da Rosa Vargas
Organizadores

Porto Alegre - RS

2018

Governo Federal

Capa: Daniel Soares Comas
Ilustrações da capa: Foto 1 (Google Street View, 2014), foto 2 (Mariano Pairet, 2017), foto 3 (Diego Rocha Chollet, 2013), foto 4 (Diego Rocha Chollet, 2013), foto 5 (José Fernando Vargas, 2017), foto 6 (Ricardo A. Ramos, 2008), foto 7 (José Fernando Vargas, 2017).

Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul
Francisco Antônio Zancan Paz - Secretário

Departamento de Ações em Saúde
Elson Romeu Farias - Diretor
Rebel Zambrano Machado - Diretora Adjunta

Política Intersetorial de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, Projeto Arranjo Produtivo Local de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do Rio Grande do Sul
Sílvia Beatriz Costa Czermainski - Coordenadora do Projeto APLPMFito/RS

Organizadores
Clarice Azevedo Machado - Projeto APLPMFito/RS
José Fernando da Rosa Vargas - Jardim Botânico de Porto Alegre

Arte e diagramação
Daniel Soares Comas - Projeto APLPMFito/RS

Fotos:
Andréia Maranhão Carneiro
Clarice Azevedo Machado
Diego Lemos Rocha Chollet
José Fernando da Rosa Vargas
Mariano Cordeiro Pairet
Ricardo Aranha Ramos

Colaboradores:
Jardim Botânico de Porto Alegre
Andréia Maranhão Carneiro
Jorge Cesarino Severo Dupont
Mariano Cordeiro Pairet
Pedro Ernesto Sanhudo da Cunha
Ricardo Aranha Ramos

Consultores do Projeto APLPMFito/RS
Sergio Augusto Bordignon
Jaqueline Durigon

Bolsistas do Projeto APLPMFito/RS
Lucas Boschetti
Cristiano Hentges

Estagiário do Jardim Botânico de Porto Alegre
Diego Lemos Rocha Chollet

Revisão
Roger Remy Dresch - Projeto APLPMFito/RS
Sílvia Beatriz Costa Czermainski

Financiamento
Ministério da Saúde
Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos
Departamento de Assistência Farmacêutica
Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos
Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul
DAS - Departamento de Ações em Saúde

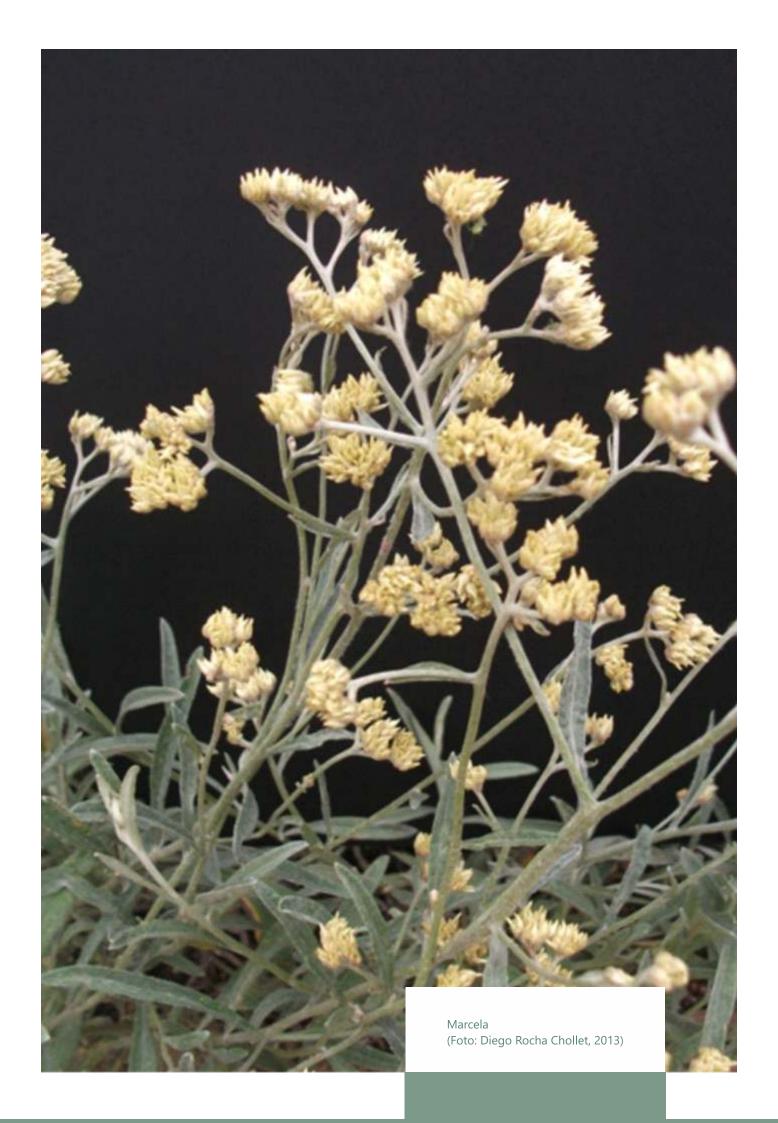
R585p Rio Grande do Sul. Secretaria da Saúde. Departamento de Ações em Saúde.
Plantas Medicinais do Jardim Botânico de Porto Alegre / Organização de Clarice Azevedo Machado, José Fernando da Rosa Vargas. Porto Alegre: Escola de Saúde Pública, 2018.

110p. il.
67,5 MB; e-PUB
ISBN 978-85-60517-21-3

1. Plantas medicinais. 2. Projeto APL-PMFITO/RS I. Machado, Clarice Azevedo (Org.)
II. Vargas, José Fernando da Rosa (Org.) III. Título

NLM QV 766

Catalogação na fonte - Centro de Informação e Documentação em Saúde - CEIDS/ESP/SES/RS

Marcela
(Foto: Diego Rocha Chollet, 2013)

AGRADECIMENTOS

IN MEMORIAM

A Nilton Comin, Farmacêutico, por ter criado o horto de Plantas Medicinais do Jardim Botânico de Porto Alegre, (JB-FZB 1995 a 1998);

A Luiz Osório de Castro, Técnico Agrícola, por sua coleção de espécies medicinais nativas do RS e contribuição ao Horto de Plantas Medicinais do Jardim Botânico

Ao Padre Clemente José Steffen, Professor, por sua coleção de plantas medicinais e contribuição de mudas para o início do horto no Jardim Botânico

Considerações sobre o uso desta publicação:

As informações sobre plantas medicinais contidas na presente publicação foram extraídas da literatura científica e não substituem as orientações sobre uso por profissionais de saúde. A utilização das plantas medicinais para o autocuidado é responsabilidade de cada usuário, eximindo os autores e editores de responsabilidade por eventual uso das informações de forma indevida. Ficam vedados o uso das informações contidas nesta publicação para fins comerciais e a citação deste livro para basear indicações terapêuticas das espécies descritas. É permitida a reprodução parcial ou total desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

O desafio de executar um projeto intersetorial e interinstitucional no âmbito de uma política pública remete a refletir e cuidar sobre suas dimensões em cada atividade, sobre cada etapa das metas programadas, pelo nível de responsabilidade coletiva e pública. Ainda mais por se tratar de uma área em que os conhecimentos antigos tomam uma dimensão até há pouco distanciada das instituições e dos governos.

O Sistema Único de Saúde - SUS - acolheu a agenda por uma Política de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, pautada pelos movimentos sociais e seus representantes nas instâncias de participação e controle social. O SUS foi, e esperamos que continue sendo, o grande acolhedor de propostas de humanização e maior naturalidade das ações de saúde, que nesse sentido, devem ser intersetoriais e transversais.

O Projeto APLPMFito/RS - Arranjo Produtivo Local de Plantas Medicinais e Fitoterápicos - objetiva implementar a Política Intersetorial de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do Rio Grande do Sul, em sintonia e com financiamento da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Suas metas expandiram as ações de saúde para a área ambiental quando programou a expansão dos canteiros de medicinais no Jardim Botânico de Porto Alegre (JB). Observou-se nessa ação um reconhecimento da missão do JB que tanto tem contribuído para a preservação e divulgação das espécies pela comunidade gaúcha.

Ratificou-se nesse trabalho a fundamental importância desses espaços de valorização e preservação de espécies medicinais, muitas ameaçadas, algumas já em lista de extinção.

Também foi possível observar as potencialidades e necessidades de um jardim botânico que possa ser a referência efetiva de certificação botânica, de espécies a integrarem as listas de produtos fitoterápicos de Farmácias Vivas nos programas de Fitoterapia dos municípios gaúchos. Esperando, como servidores estaduais e como cidadãos, que o JB continue existindo e possa seguir contribuindo para a preservação da natureza, com a educação ambiental e com a saúde em seu sentido mais amplo.

Em um momento inicial a meta de implementar e adequar o horto de plantas medicinais existente, seria complementada para vir a ser referência aos arranjos produtivos locais dessas espécies, além das melhorias estruturais do horto, com a produção de material gráfico para divulgação para a comunidade. Feitas as etapas previstas, não sem algumas intercorrências administrativas que não acompanharam o ritmo e o desejo de logo presentear a comunidade com informações sobre as plantas ali

expostas e sua relação com a promoção, proteção e atenção à saúde, concentramos a atenção na proposta desse *e-book* que ora entregamos à instituição para suas atividades comunitárias.

Espera-se que essa seja uma contribuição à preservação das espécies medicinais e mais uma pequena mas fundamental demonstração da importância do Jardim Botânico de Porto Alegre para aqueles que acreditam que é possível um serviço público de qualidade e na integração entre saúde e natureza.

Sílvia Beatriz Costa Czermainski
Coordenadora do Projeto Arranjo Produtivo Local de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do Rio Grande do Sul

Erva-Santa Jardim Botânico
(Foto: Mariano Pairet, 2017)

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Há evidências de que o homem pré-histórico utilizava plantas para amenizar sofrimentos de sintomas físicos que lhe acometiam (CASTRO; CHEMALE, 1995). Um grupo internacional de pesquisadores do Conselho Superior de Pesquisas Científicas (CSIC) da Espanha, da Universidade Autônoma de Barcelona (UAB) e da Universidade de York (Reino Unido) demonstrou que os neandertais que viviam no sítio arqueológico de El Sidrón, na Espanha, há cerca de 40 a 50 mil anos atrás conheciam as propriedades medicinais de algumas plantas, como a camomila, milefolium e álamo e incluíam vegetais em sua dieta. A pesquisa chegou a estas conclusões a partir da análise do tártaro presente nos dentes de cinco indivíduos adultos e de um jovem da espécie (HARDY et al., 2012; NEANDERTAIS, 2012; LA ALIMENTACIÓN, 2017).

A utilização de plantas medicinais é o resultado do acúmulo secular de conhecimentos empíricos sobre a ação dos vegetais por diversos grupos étnicos resultando numa medicina tradicional, reconhecida atualmente pela Organização Mundial da Saúde. No Brasil, além dos conhecimentos tradicionais indígenas, as contribuições trazidas nesse campo do conhecimento pelos imigrantes e pelos escravos tiveram importância significativa no surgimento de uma medicina popular rica baseada na utilização da biodiversidade vegetal (SIMÕES et al., 1989).

A grande maioria dos medicamentos, hoje disponíveis no mundo, é ou foi originado de estudos desenvolvidos a partir da cultura popular. Calcula-se que existam cerca de 500 mil espécies de plantas em todo o mundo, com cerca de 30% deste total com potencial terapêutico, que tornam a biodiversidade brasileira um importante e vasto campo de pesquisa científica (BRASIL, 2006a).

A diversidade de espécies e famílias botânicas é um fator que dificulta a identificação correta das plantas medicinais. Devido ao regionalismo, uma mesma espécie pode apresentar uma variedade de nomes populares, por exemplo, *Casearia sylvestris* Sw. (Salicaceae), onde no Rio Grande do Sul e Estados do Sul do Brasil é conhecida como chá-de-bugre e erva-de-bugre, ao passo que em outros estados brasileiros é denominada de guaçatonga, guaçatunga ou língua-de-lagarto. Outro exemplo é o mesmo nome popular para diferentes espécies de boldo. Nesse sentido, pode ser a espécie oriunda do Chile, *Peumus boldus* Molina (Monimiaceae) com estudos de eficácia, farmacológicos e de toxicidade reconhecidos mundialmente, ou outras espécies referidas como boldo no Brasil: *Plectranthus barbatus* Andrews (Lamiaceae), *Plectranthus neochilus* Schltr. (Lamiaceae), *Vernonia condensata* Baker (Asteraceae) além de outras espécies amargas com propriedades digestivas e hepatoprotetoras da família Lamiaceae (BUENO et al.,2016; SIMÕES et al.,1989).

Estas características populares e regionais comprometem a perfeita identificação da espécie vegetal. Antigamente, a tradição popular remetia a pessoas que conheciam bem a identificação correta da planta, seus efeitos medicinais e tóxicos, o que garantia o uso seguro daquela espécie. Porém, a mobilidade das populações no decorrer das últimas décadas trouxe como conseqüência uma alteração nas indicações populares das plantas medicinais e até mesmo ampliação das mesmas, além de aumentar o conhecimento sobre algumas espécies, devido ao maior contato com as populações tradicionais. Por outro lado, o conhecimento específico e prático foi diminuído (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005; BUENO; BUENO; MARTÍNEZ, 2016).

Devido a confusões que nomes populares podem causar na identificação correta das espécies, deve-se dar preferência ao nome botânico ou científico ao se tratar de planta medicinal (SIMÕES et al., 1989; CARVALHO, 2015).

Todas as espécies são classificadas em categorias taxonômicas, conforme o seu grau de parentesco. As famílias botânicas agregam os gêneros mais aparentados e, da mesma forma, os gêneros incluem as espécies mais aparentadas entre si. A nomenclatura botânica é constituída de dois nomes latinizados (em latim), o primeiro se referindo ao gênero e o segundo à espécie seguido pelo nome do botânico que classificou a planta. Utilizando estes três níveis de nomenclatura (família, gênero e espécie) ficará mais fácil buscar informações nos meios oficiais e de pesquisa (CARVALHO, 2015; BUENO; BUENO; MARTÍNEZ, 2016).

Para a planta medicinal apresentar a ação farmacológica esperada, além de ser identificada com exatidão, é necessário saber qual a parte da mesma é tradicionalmente usada e que contém o princípio ativo (substância responsável pela ação medicinal), assim como as condições ambientais em que foi feito o cultivo, em qual estágio do ciclo vegetativo do vegetal se encontra a quantidade máxima deste princípio ativo e qual a melhor época de colheita para poder ser utilizada como medicinal (SIMÕES el al., 1989).

A sazonalidade é um importante fator que deve ser observado para a coleta ou colheita de plantas medicinais. Uma mesma planta poderá ter diferentes níveis e concentrações de seus metabólitos secundários durante as estações do ano e também durante o dia. Da mesma forma, a idade e os diferentes órgãos da planta são importantes na quantificação e na proporção destes metabólitos em sua constituição. Tecidos vegetais mais novos geralmente são maiores produtores de substâncias químicas, devido a sua alta taxa metabólica para induzir o crescimento. Por outro lado, algumas sementes apresentam princípios ativos tóxicos, por isso, saber qual a parte da planta é tradicionalmente utilizada como medicinal às vezes é crucial para evitar intoxicações (BUENO; BUENO; MARTÍNEZ, 2016).

No que se refere ao metabolismo vegetal, as plantas produzem estrategicamente substâncias químicas complexas para se comunicarem com o meio ambiente. Estas

substâncias são denominadas de metabólitos secundários e não estão diretamente relacionados aos processos primários da planta, como crescimento e nutrição. Podem ter origem em diversas rotas metabólicas, e atuar como hormônios, substâncias antioxidantes e mesmo ligadas à defesa contra fungos, bactérias, vírus, herbívoros ou outros predadores (BUENO; BUENO; MARTÍNEZ, 2016).

As principais classes de substâncias químicas produzidas pelos vegetais e que apresentam alguma atividade medicinal nos seres humanos são mucilagens, substâncias fenólicas, taninos, flavonoides, cumarinas, iridoides, óleos essenciais, terpenoides, saponinas, alcaloides, substâncias com enxofre, proteínas e lectinas, ácidos graxos (ômega 3-6-9), vitaminas e carotenoides, minerais entre vários outros metabólitos (BUENO; BUENO; MARTÍNEZ, 2016).

Nos últimos anos vários marcos regulatórios têm apoiado e fomentado o uso seguro e racional de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos, onde destaca-se a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2006a), o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2008), a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS (BRASIL, 2006b) que já se encontra na sua segunda edição (BRASIL, 2016). Também há a publicação da RDC Nº 67, de 08 de outubro de 2007 (BRASIL, 2007) que dispões sobre boas práticas de manipulação de preparações magistrais e oficinais para uso humano em farmácias, incluindo medicamento fitoterápico manipulado. Em 2009, o Ministério da Saúde publicou a Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS (RENISUS) (BRASIL, 2009), uma lista com 71 espécies vegetais com potencial terapêutico, com o objetivo de orientar a cadeia produtiva e estimular o desenvolvimento de pesquisas científicas com plantas medicinais no Brasil. Foram instituídas ainda as Farmácias Vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) pela Portaria nº 886, de 20 de abril de 2010 (BRASIL, 2010a).

Além disso, a quinta edição da Farmacopeia Brasileira foi publicada no Diário Oficial da União em 24 de novembro de 2010 com o Controle de Qualidade para 54 drogas vegetais (BRASIL, 2010b). Outro grande avanço foi a publicação do Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2011; BRASIL, 2018) e do Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2016), voltados principalmente às práticas de manipulação e dispensação de fitoterápicos, contribuindo com os Serviços de Fitoterapia e Farmácias Vivas existentes em todo o país. Mais recentemente, em 2013, foi publicada a RDC Nº13, de 14 de março (BRASIL 2013a), que dispõe sobre as Boas Práticas de Fabricação Produtos Tradicionais Fitoterápicos, e em 13 de maio de 2014 foram publicadas a RDC Nº26 (BRASIL, 2014a), que dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos, a Instrução Normativa Nº2, que publica a "Lista de medicamentos

fitoterápicos de registro simplificado" e a "Lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado" (BRASIL, 2014b). Ainda em 2013, a RDC Nº18, de 03 de abril de 2013 (BRASIL, 2013b) regulamentou as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em Farmácias Vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Muitos desses marcos legais contemplam diretrizes que destacam a importância da valorização do conhecimento tradicional e o respeito às práticas culturais de cura e manutenção da saúde.

O presente trabalho compõe-se de uma publicação sobre Plantas Medicinais do Jardim Botânico de Porto Alegre, destinado a um público adulto. Poderá ser utilizado como fonte de consulta e pesquisa sobre dados técnicos de plantas medicinais. A bibliografia utilizada para a compilação dos dados abrangeu obras confiáveis e materiais publicados na internet. Os critérios para a escolha das espécies foram AS PLANTAS MAIS UTILIZADAS ou citadas em trabalhos do Rio Grande do Sul, compilados pelo Consultor do Projeto APLPMFito RS (2014-1017) Roger Remy Dresch e que as plantas referidas fizessem parte das espécies existentes na Coleção de Espécies Medicinais do Jardim Botânico de Porto Alegre.

Para cada espécie são citados nomes populares (comuns), nome científico, a família botânica, a distribuição, a descrição das partes da planta que identificam a espécie e que são importantes para a ação medicinal, as informações gerais de cultivo, os usos populares, os dados químicos e algumas observações de relevância para cada espécie, além de mencionar se a planta faz parte de publicações oficiais do Ministério da Saúde, ou de dados de identificação em relação a outras espécies utilizadas com o mesmo nome popular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos** / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006a. 60 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Portaria Interministerial N° 2.960, de 09 de dezembro de 2008). Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ politica_nacional_fitoterapicos.pdf>. Acesso em 27 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional De Práticas Integrativas e Complementares no SUS**: atitude de ampliação de acesso / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. 92 p.: il. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>. Acesso em 27 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da diretoria colegiada - RDC nº 67, de 8 de outubro de 2007. Dispõe sobre boas práticas de manipulação de preparações magistrais e oficinais para uso humano em farmácias, incluindo medicamento fitoterápico manipulado. Brasília: Diário Oficial da União, 8 out. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria Interministerial nº 2.960, de 9 de dezembro de 2008. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: **Diário Oficial da União**, 9 dez. 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri2960_09_12_2008.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. DAF/SCTIE/MS, fev/2009. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/06/renisus.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 886, de 20 de abril de 2010a. Institui a Farmácia Viva no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, **Diário Oficial da União**, 20 abr 2010a. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2010/prt0886_20_04_ 2010.html>. Acesso em 27 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Farmacopeia Brasileira.** 5.ed. Brasília: ANVISA, 2010b. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/260079/5%C2%AA+edi%C3%A7%C3%A3o+-+Volume+1/4c530f86-fe83-4c4a-b907-6a96b5c2d2fc>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira** / Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011. 126p. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/conteudo/Formulario_de_Fitoterapicos_da_ Farmacopeia_ Brasileira.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. RDC nº 13, de 14 de março de 2013a. Dispõe sobre as Boas Práticas de Fabricação de Produtos Tradicionais Fitoterápicos. Brasília: **Diário Oficial da União**, 14 mar. 2013a. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2013/rdc0013_14_03_2013.html>. Acesso em 27 nov. 2017

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da diretoria colegiada - RDC nº 18, de 3 de abril de 2013b. Dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em farmácias vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília: **Diário Oficial da União**, 3 abr 2013b. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2013/ rdc0018_03_04_ 2013.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da diretoria colegiada - RDC nº 26, 13 de maio de 2014a. Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos. Brasília: **Diário Oficial da União**, 13 mai 2014a.Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/rdc0026_13_05_2014.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Instrução Normativa nº 02, de 13 de maio de 2014b. Publica a “Lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado” e a “Lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado”. Brasília: **Diário Oficial da União**, 13 mai 2014b. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2014/int0002_13_05_2014.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS**: atitude de ampliação de acesso / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 96 p.: il. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf>. Acesso em 27 nov.2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira** – 1. ed/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2016. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/2909630/Memento+Fitoterapico/a80ec477-bb36-4ae0-b1d2-2461217e06b>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira** 1. ed. 1. Suplemento. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2018. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/259456/Suplemento+FFFB.pdf/478d1f83-7a0d-48aa-9815-37dbc6b29f9a>. Acesso em 28 set. 2018.

BUENO, M. J. A.; BUENO, J. C.; MARTÍNEZ. B. B. **Manual de Plantas Medicinais e Fitoterápicos Utilizados na Cicatrização de Feridas**. Pouso Alegre, Univás, 2016. Disponível em: <http://www.univas.edu.br/mpcas/egresso/publicacao/2016102022681842740937.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

CARVALHO, L, M. **Orientações técnicas para o cultivo de plantas medicinais, aromáticas e condimentares**. Circular técnica 70. Aracaju: Embrapa, 2015. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/133435/1/CT-70.pdf>. Acesso em 20 nov 2017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais condimentares e aromáticas.** Descrição e cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p. 9-10.

HARDY, K; BUCKLEY, S.; COLLINS, M. J.; ESTALRRICH, A. et al. Neanderthal medics? Evidence for food, cooking, and medicinal plants entrapped in dental calculus. **Naturwissenschaften**, Germany, v. 99, n. 8, p.617-26, Aug 2012.

LA ALIMENTACIÓN de los neandertales de la cueva de El Sidrón: setas, piñones y musgo. **National Geografic**, Espanha, 8 mar. 2017. Disponível em: <http://www.nationalgeographic.com.es/ciencia/actualidad/alimentacion-los-neandertales-cueva-sidron-setas-pinones-musgo_11263/4>. Acesso em: 17 nov. 2017.

NEANDERTAIS conheciam propriedade medicinal de plantas. **Ciência e Saúde.** Globo G1, Rio de Janeiro, 18 jul 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/07/neandentais-conheciam-propriedade-medicinal-de-plantas-diz-estudo.html>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da Medicina Popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 9-20.

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas**, Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em :20 mar. 2017.

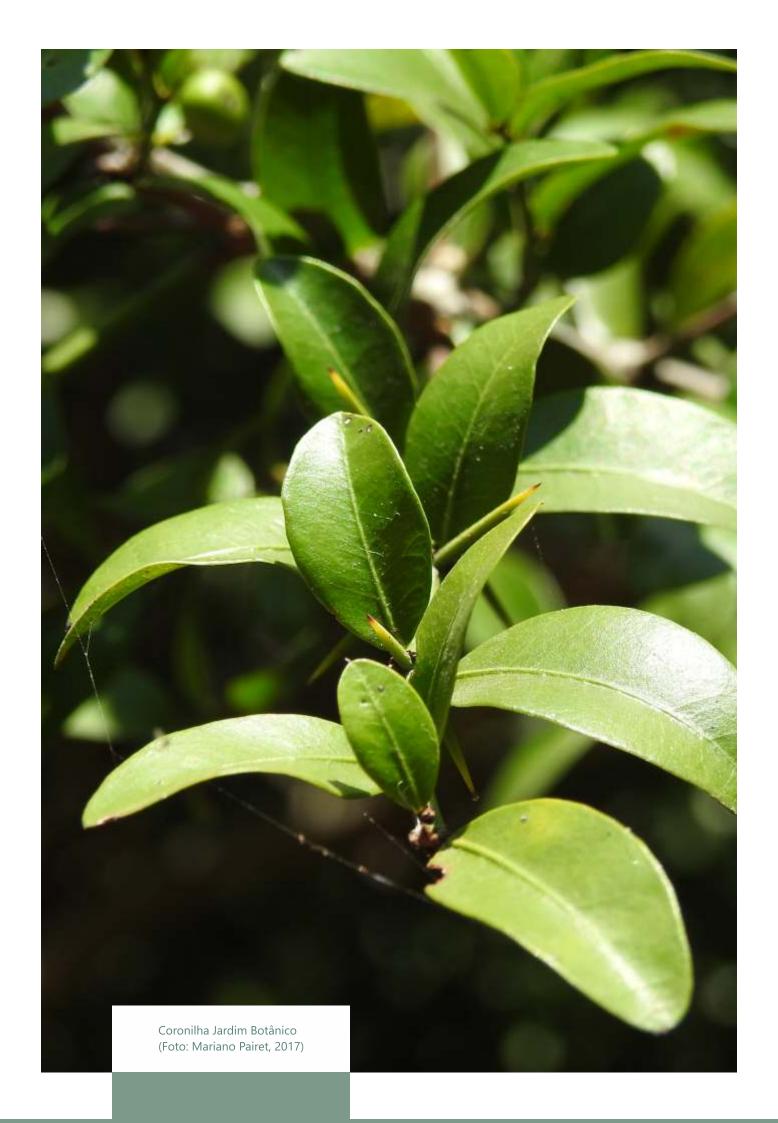
Coronilha Jardim Botânico
(Foto: Mariano Pairet, 2017)

HISTÓRICO DO HORTO DE PLANTAS MEDICINAIS

Fig. 1a Pórtico de entrada Jardim Botânico de Porto Alegre (Foto: Google Street View, 2014)

HISTÓRICO DO HORTO DE PLANTAS MEDICINAIS

O jardim sempre foi um espaço de lazer e prazer para todos os usuários, mesclando a conexão entre o sonho e a realidade. Através deste espaço, é possível viajar no tempo, experimentar sensações diferentes, promover encontros e entrar em contato com a natureza em sua mais exuberante expressão (CHIMENTHI, 2016). Além disso, jardins com conotações específicas trazem cultura, educação ambiental, preservação da biodiversidade e de conhecimentos étnicos ou tradicionais de diversas comunidades, religando as memórias de infância com a história dos povos. Os jardins botânicos sempre foram verdadeiras bibliotecas vivas, desde a época dos jardins da Babilônia (FUNDAÇÃO, 2014).

Localizado em Porto Alegre, o Jardim Botânico (Fig.1a) dispõe de uma área de aproximadamente 36 ha. Possui um acervo científico composto por cerca de 5 mil plantas, em torno de 1.200 espécies da flora nativa do sul do Brasil, mantidas, ordenadas, documentadas e identificadas para visitação e conservação da biodiversidade (FUNDAÇÃO, 2014).

As diferentes coleções estão agrupadas por temas (plantas perfumadas, plantas raras e ameaçadas, cactáceas e trepadeiras do Rio Grande do Sul, suculentas, plantas medicinais, aromáticas e condimentares, jardim rochoso) e por regiões fitogeográficas do Rio Grande do Sul (espécies da Floresta Estacional, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Ombrófila Densa, plantas de clima Tropical, Savana Temperada). Algumas coleções de grupos taxonômicos específicos estão reunidas no arboreto ou envasadas (FUNDAÇÃO, 2014).

A primeira citação do Jardim Botânico na legislação do Estado do Rio Grande do Sul é datada de 1953 (Lei 2.136/RS) autorizando o Poder Executivo a alienar uma área de 81,57 ha, da qual ficaria reservada uma área de 50 ha para a instalação de um parque de recreio ou jardim botânico, sendo então formada uma comissão para o cumprimento do estabelecido na lei (FUNDAÇÃO, 2014).

Assim, em 1957 iniciaram-se os plantios da coleção de Arecaceae (Palmaretum), da coleção de coníferas (Coniferetum) e das suculentas (Jardim rochoso) (FUNDAÇÃO, 2014).

No dia 10 de setembro de 1958 o Jardim Botânico foi aberto ao público com vinte espécies de palmeiras, setenta espécies de coníferas e mais de quinhentas espécies de cactáceas, agaváceas e liliáceas (FUNDAÇÃO, 2014).

O Horto de Plantas Medicinais do Jardim Botânico foi implementado pelo farmacêutico Nilton Comin, na gestão do Sr. Ivo Krauspenhar, em 1996. Foram contatados o Técnico Agrícola da FEPAGRO Sr. Luiz Osório de Castro, em Tarumã-Viamão (Estação Experimental da FEPAGRO), o Prof. Padre Clemente José Steffen, da Unisinos, pessoas referências nesta época para cultivo e coleções de espécies medicinais nativas e exóticas trazidas pelos imigrantes. Além do Sr. Luiz Osório (horto da FEPAGRO com cerca de 300 espécies) e Padre Clemente (horto didático plantado entre os prédios da Universidade), muitos colegas funcionários do Jardim Botânico traziam mudas e informações acerca das espécies para enriquecer a coleção. Naquela época o horto de plantas medicinais foi iniciado com sacrifício e empenho para manter vivas as espécies recebidas. O horto de plantas medicinais ficou com cerca de 70 espécies cultivadas em 12 canteiros. Em três anos teve uma visitação de cerca de 30 mil alunos de escolas regionais (FÓRUM, 1998) (Fig. 1b; Fig. 2).

Fig. 1b Horto de Plantas Medicinais em 2004 (Foto: Andréia Maranhão Carneiro, 2004)

Fig. 2 Entrada antiga do Horto de Plantas Medicinais, onde ficava armazenado o composto para adubação dos canteiros, ao lado do pergolado (Foto: Clarice A. Machado, 2011)

O Horto de Plantas Medicinais desde 2011 passou a ser denominado de Coleção de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares e obteve um ganho qualitativo e quantitativo no ano seguinte mediante parceria e trocas com o CAD (Centro Agrícola Demonstrativo da SMIC, Porto Alegre) após a ampliação do cercamento. Em 2016 a Coleção já possuía cerca de 150 (Fig. 3).

A Coleção de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares do Jardim Botânico de Porto Alegre tornou-se uma coleção técnica e é referência em espécies medicinais identificadas no estado do Rio Grande do Sul após a identificação botânica das plantas realizada em 2014 e é utilizada em atividades didáticas por alunos de Universidades (PPG-BOT-UFRGS, UFSM, entre outras), Escolas Municipais, Estaduais e como temática em Cursos e Seminários de várias Secretarias do Estado do Rio Grande do Sul (FUNDAÇÃO, Notícias 2013; FUNDAÇÃO, Notícias 2015).

Os visitantes deste jardim têm a oportunidade de verem reunidas plantas que são amplamente utilizadas na medicina popular, incluindo algumas espécies vegetais nativas (ex. jurubeba, espinheira-santa, erva-baleeira) e exóticas de vasto emprego na fitoterapia (como camomila (Fig. 4), calêndula (Fig. 5), equinácea, ginkgo, alcachofra (Fig. 6), hipérico, cúrcuma, entre muitas outras) bem como sentirem o aroma e observar os insetos (Fig. 7) relacionados à ecologia de cada espécie. Podem, ainda, sentir o bem-estar proporcionado pela beleza e contato direto com a natureza exuberante do Jardim Botânico (Fig. 8; Fig. 9).

Fig. 3 Entrada da coleção de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares no Jardim Botânico. (Foto: Clarice A. Machado, 2016)

Fig. 4 Canteiro de camomila (Foto: Clarice A. Machado, 2016)

Fig. 5 Canteiro de calêndula. (Foto: Ricardo A. Ramos, 2011)

Fig. 6 Canteiro de alcachofra. (Foto: Clarice A. Machado, 2011)

Fig. 7 Insetos nas folhas de bardana. (Foto: Clarice A. Machado, 2014)

Fig. 8 Coleção de Plantas Medicinais do Jardim Botânico. (Foto: Clarice A. Machado, 2014)

Fig. 9 Ninfeias e *Oriza sativa* plantadas e ornamentadas com pedras, compondo o paisagismo na entrada da Coleção de Plantas Medicinais. (Foto: José Fernando Vargas, 2017)

REFERÊNCIAS

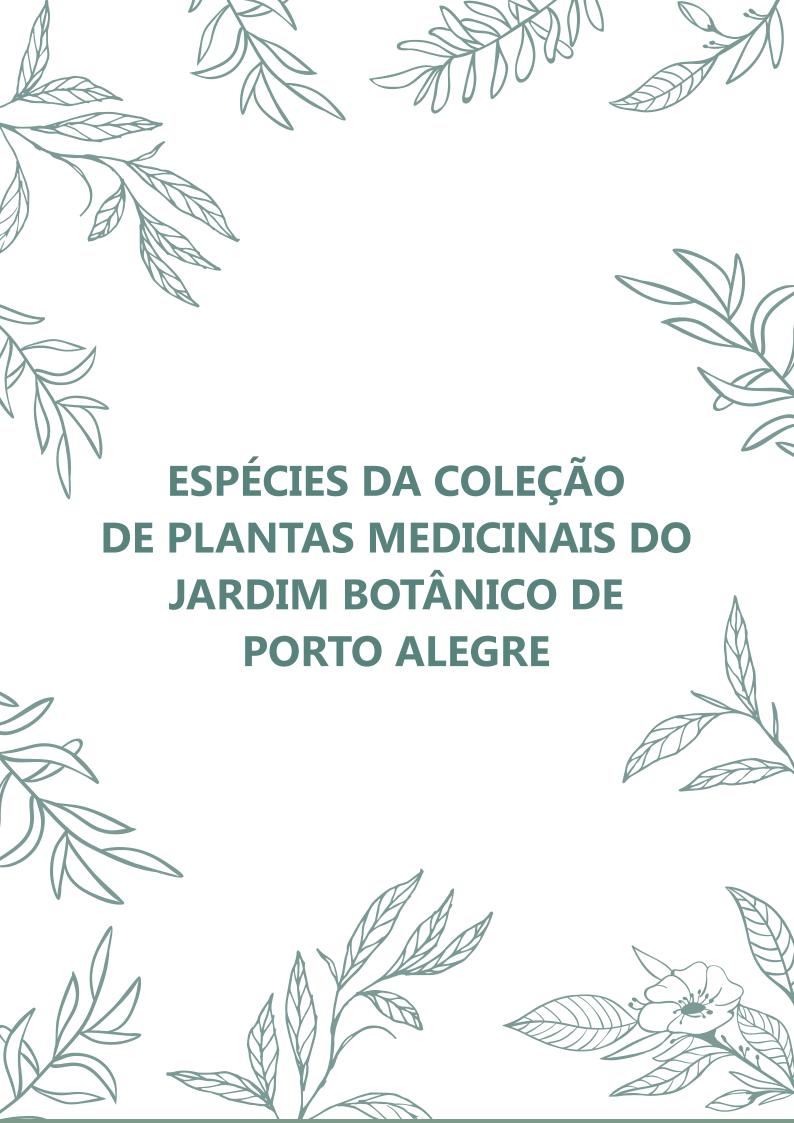
CHIMENTHI, B. O Jardim sensorial e suas principais características. **FÓRUM da Construção**. Instituto Brasileiro de Desenvolvimento da Arquitetura, 2016. Disponível em: <http://www.forumdaconstrucao.com.br/conteudo.php?a=16&Cod=130> Acesso em: 03 nov. 2016.

FÓRUM pela vida – PROJETO PLANTAS VIVAS. I Seminário Estadual, 20 e 21 de julho de 1998. Porto Alegre: Assembleia Legislativa, 1998. 184 p.

FUNDAÇÃO Zoobotânica do RS. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Notícias.** 12 jun. 2013. Professores estaduais participam da segunda etapa de formação em plantas medicinais no Jardim Botânico. Disponível em: <http://www.jb.fzb.rs.gov.br/conteudo/2184/?Professores_estaduais_participam_da_segunda_etapa_de_forma%C3%A7%C3%A3o_em_plantas_medicinais_no_Jardim_Bot%C3%A2nico>. Acesso em: 03 nov. 2017.

FUNDAÇÃO Zoobotânica do RS. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Plano Diretor do Jardim Botânico de Porto Alegre.** Porto Alegre: FZB, 2014. 104 p. Disponível em: <http://www.jb.fzb.rs.gov.br/upload/20150107103005plano_diretor_jardim_botanico.pdf> Acesso em: 05 mai. 2018.

FUNDAÇÃO Zoobotânica do RS. Jardim Botânico de Porto Alegre. **Notícias.** 28 mai 2015. Alunos têm aula no Horto de plantas medicinais do Jardim Botânico. Disponível em:<http://www.jb.fzb.rs.gov.br/conteudo/4090/?Alunos_t%C3%AAm_aula_no_Horto_de_plantas_medicinais_do_Jardim_Bot%C3%A2nico>. Acesso em: 03 nov. 2017.

ESPÉCIES DA COLEÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE

Cancorosa-de-três-pontas

Jodina rhombifolia Santalaceae

Nome científico ou botânico: *Jodina rhombifolia* (Hook. & Arn.) Reissek (TROPICOS, s.d.)

Família: Santalaceae

Outros nomes populares: Cancrosa, cancorosa, sombra-de-touro, espinheira-divina, erva-cancorosa, erva-cancerosa (ALICE et al., 1995; LORENZI; MATOS, 2002).

Distribuição: Espécie nativa no sul do Brasil (Santa Catarina e Rio Grande do Sul), Argentina, Bolívia, Paraguai e Uruguai (ALICE et al., 1995; SIMÕES et al., 1989; SOMBRA-DE-TORO, s.d.).

Descrição: Arbusto ou árvore de até 4m de altura, muito ramificada (Fig. 10). Folhas perenes, simples, de 4-5 cm de comprimento, com filotaxia alterna (Fig.11), coriáceas, curto-pecioladas, glabras, forma rombiforme, de ápice e base agudos com os lados e o ápice terminados em espinho, margem lisa, face adaxial verde brilhante, face abaxial verde mais opaco, nervura mediana muito evidente e nervuras secundárias bem tênues. A casca é de cor cinza e apresenta fissuras longitudinais (Fig. 12). Flores pequenas, branco-amareladas, dispostas em inflorescências aglomeradas e curtas nas axilas das folhas. Frutos amarelo-rosados quando maduros, carnosos, globosos, separando-se em cinco partes, cada uma contendo uma semente (ALICE et al.,1995; SIMÕES et al., 1989; STUMPF; BARBIERI; HEIDEN, 2009).

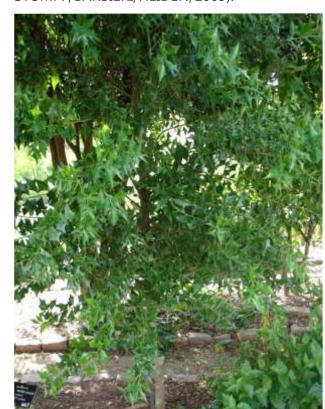



Fig. 10 *Jodina rhombifolia*, espécie arbustiva, plantada em região de sombreamento por murta e espinheira-santa.
(Foto: Clarice A Machado, 2013)

Fig. 11 Folhas com filotaxia alternada no ramo, nervura mediana da folha bem evidente, pecíolo curto, brilhante (Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Cultivo: Trata-se de árvore silvestre, de crescimento lento, cultivo por sementes (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011) ou por coleta de pequenos exemplares silvestres (SOMBRO-DE-TORO, s.d.; EcuRed, 2011).

Parte utilizada: Folhas, ramos e cascas (LORENZI; MATOS, 2002; ALICE et al., 1995; SIMÕES et al., 1989).

Dados químicos: Partes aéreas apresentam compostos fenólicos, taninos, alcaloides (SIMÕES et al, 1989) e glicoflavonoides (MONTANA et al., 2009).

Usos Populares: As folhas e ramos em uso interno (infusão a 5%) são indicados nos resfriados e nos distúrbios do aparelho digestório. Em uso externo, as folhas são citadas como cicatrizantes em úlceras ou afecções da pele. A decocção das cascas é usada como adstringente em disenterias. O pó torrado das folhas é aplicado sobre úlceras crônicas, carcinomas e outros ferimentos infectados (LORENZI; MATOS, 2002). Atividade antiúlcera foi observada de extrato aquoso e alcoólico das partes aéreas em animais (MONTANHA et al., 2009).

OBSERVAÇÕES: Já foi considerada espécie ameaçada de extinção pelo desmatamento e comercialização e espécie em perigo (EN). Era confundida e utilizada como a espinheira-santa verdadeira (*Maytenus ilicifolia* Mart., Celastraceae), da qual pode ser distinguida pela forma das folhas (STUMPF; BARBIERI; HEIDEN, 2009; SIMÕES et al., 1989; FZB, 2013; FLORA DIGITAL, s.d.).

Fig. 12 Casca do tronco com fissuras longitudinais (Foto: Mariano Pairet, 2017)

REFERÊNCIAS

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular**: Atlas farmacognóstico. Canoas: ULBRA, 1995. p.96-98.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p.704. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2017.

EcuRed. Sombra de toro. EcuRed. Conocimiento com todos y para todos, Havana, Enciclopedia Colaborativa Cubana, 2011. Disponível em: <https://www.ecured.cu/Sombra_de_toro>. Acesso em: 05 jan. 2018.

FLORA DIGITAL do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, UFRGS, [s.d.]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/index.php?pag=threatened.php>. Acesso em: 15 mar. 2017.

FZB. **Lista vermelha da flora do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: FZB, 2013. Disponível em: <https://secweb.procergs.com.br/livlof/?id_modulo=2&id_uf=23&ano=2013> Acesso em: 15 mar. 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 428.

MONTANHA, J. A..; SCHENKEL, E. P..; TAKETA, A. T. C.; DRESCH, A. P.; LANGELOH, A.; DALLEGRAVE. E. Chemical and anti-ulcer evaluation of *Jodina rhombifolia* (Hook. & Arn.) Reissek extracts. **Revista Brasileira de Farmacognosia.** Brazilian Journal of Pharmacognosy, Curitiba, v. 19, n. 1A, p. 29-32, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/247854609_Chemical_And_anti-ulcer_evaluation_of_Jodina_rhombifolia_Hook_Arn_Reissek_extracts>. Acesso em: 06 dez. 2017.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 38-39.

SOMBRA-DE-TORO. Argentina: herbotecnia, [s.d]. Disponível em: <http://www.herbotecnia.com.ar/aut-sombratoro.html>. Acesso em: 17 mar. 2017.

STUMPF, E. R. T.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. **Cores e formas no Bioma Pampa:** plantas ornamentais nativas. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. p. 230. Disponível em: <http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20160607121021rsbiodiversidade_livro_ornamentais.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2017.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Jodina rhombifolia*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/ Name/50128031> Acesso em: 15 mar. 2017.

Catinga-de-mulata

Tanacetum vulgare Asteraceae

Nome científico ou botânico: *Tanacetum vulgare* L. (TROPICOS, s.d.)

Família: Asteraceae

Outros nomes populares: Tanásia, atanásia-das-boticas, erva-contra-vermes, erva-de-são-marcos, erva-dos-vermes, erva-lombrigueira, palma, tanaceto, tanásia, tasneira (LORENZI; MATOS, 2002).

Distribuição: Espécie européia naturalizada no Brasil. Ocorre no Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (NAKAJIMA, 2015).

Descrição: Subarbusto perene, ereto, formando pequena touceira de 0,7 a 1,2 m de altura (Fig. 13). Folhas compostas com numerosos folíolos profundamente dentados, de cor verde-escuras, glabras e aromáticas. Inflorescência com flores pequenas e amarelas (LORENZI; MATOS, 2002) (Fig.14; Fig. 15).

Fig. 13 Subarbusto em forma de touceira com folhas compostas. (Foto: Diego Rocha Chollet, 2013)

Fig. 14 Ramo com inflorescência amarela, folhas compostas por folíolos dentados
(Foto: Diego Rocha Chollet, 2013)

Cultivo: Cultivada de sementes (LORENZI; MATOS, 2002) e divisão de touceiras. É considerada ruderal encontrada em solos secos e pobres (CÔRTES, 2000).

Parte Utilizada: Partes aéreas (HOFFMANN, 2017).

Dados químicos: Lactonas sesquiterpênicas (partenolídeo), flavonoides, esteróis, ácidos cítrico, butírico e oxálico, tanino, resina, vitamina C. Sumidades floridas contém 0,1 a 0,6% de óleo essencial (tujona, tanacetina, derivados terpênicos, cânfora e borneol) (HOFFMANN, 2017; LORENZI; MATOS, 2002).

Usos populares: A planta é usada principalmente como vermífuga e também para hemorroidas. Raramente é usada via oral, apenas para facilitar a menstruação, aliviar náuseas e estimular o apetite. A infusão dos capítulos florais é empregada como digestiva, estimulante, emenagoga, abortiva, uso externo para tratamento de sarna (LORENZI; MATOS, 2002). Extratos da planta apresentaram atividade anti-inflamatória, antioxidante, antimalárica, hipoglicemiante (GUERREIRO et al., 2016).

Fig.15 Folha de catinga-de-mulata (Foto: Fernando Vargas, 2017)

OBSERVAÇÕES: Considerada planta tóxica para uso interno. Em estudos fitoquímicos é referida a presença de óleo essencial tóxico das folhas pela presença de tujona. Contraindicado para gestantes (LORENZI; MATOS, 2002).

REFERÊNCIAS

CÔRTES, C. Catinga-de-mulata (*Tanacetum vulgare* L.). **Folha Rural. Folha de Londrina.** O jornal do Paraná. Curitiba, 9 jul. 2000. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-rural/catinga-de-mulata-tanacetum-vulgare-l--291423.html>. Acesso em: 05 jan. 2018.

GUERREIRO, K.K.; BOBEK, V.; SANTOS, V.L.P.; FRANCO, C.R.C.; PAULA, J.P.; FARAGO, P.V.; BUDEL, J.M. Análise farmacobotânica de folha e caule de *Tanacetum vulgare* (L.). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Campinas, v. 18, n. 1, p. 89-95, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v18n1/1516-0572-rbpm-18-1-0089.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

HOFFMANN, D. **O guia completo das plantas medicinais.** Ervas de A a Z para tratar doenças, restabelecer a saúde e o bem-estar. São Paulo: Cultrix, 2017. p.359.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil.** Nativas e Exóticas. Nova Odessa: Plantarum, 2002. p. 176.

NAKAJIMA, J.N. 2015. Tanacetum. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB80737>. Acesso em: 28 fev. 2018.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Tanacetum vulgare*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/ 2701377> Acesso em: 06 ago. 2017.

Chapéu-de-couro

Echinodorus grandiflorus Alismataceae

Nome científico ou botânico: *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schltdl.) Micheli (TROPICOS, s.d.)

Família: Alismataceae

Outros nomes populares: Aguapé, chá-de-campanha, chá-mineiro, erva-do-pântano, erva-do-brejo (LORENZI; MATOS, 2002; OLIVEIRA; AKISUE; AKISUE, 2005).

Distribuição: Espécie nativa da América tropical e subtropical. Ocorre no Brasil no Norte (Acre), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe), Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal), Sudeste (Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo) e Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) (MATIAS, s.d.).

Descrição: Planta herbácea ou subarbusto aquático de 1 a 2 m de altura, perene, sem caule e com rizoma (Fig.16). Folha simples, coriácea, de 20 a 30 cm de comprimento, com pecíolo rígido e longo, de até 1,3 m de comprimento, com várias (11 a 13) nervuras curvas (Fig.17). Flores brancas, reunidas em inflorescências paniculadas amplas, dispostas acima das folhas por um pedúnculo originado do rizoma (Fig.16). Fruto do tipo aquênio (LORENZI; MATOS, 2002).

Fig. 16 Vista geral da espécie plantada em solo bem molhado e adubado. Observar o pecíolo comprido e a inflorescência branca. (Foto: Fernando Vargas, 2017)

Fig. 17 Folhas com nervações curvas e bem evidentes, na face abaxial a nervação pode apresentar-se avermelhada (Foto: Clarice A. Machado, 2018)

Cultivo: Por sementes e material propagativo de boa qualidade, adapta-se bem em locais úmidos e sombreados, também em terrenos brejosos e ácidos (VAZ; JORGE, 2006).

Parte utilizada: Folhas (SIMÕES el al, 1989; OLIVEIRA, AKISUE; AKISUE, 2005) e rizomas (LORENZI; MATOS, 2002).

Dados químicos: Das folhas secas foram isolados diterpenos, alcaloides, glicídeos, óleo essencial e taninos (LORENZI; MATOS, 2002; BEVILAQUA et al., 2001).

Usos populares: Chá das folhas é indicado internamente como antirreumático, diurético, tônico, depurativo, em problemas renais e afecções do trato urinário. Os rizomas são empregados na forma de cataplasmas para hérnias. Compressas de chá bem quente são aplicadas nos casos de gota reumática, dores nevrálgicas, banhos de assento duas a três vezes ao dia para tratamento da prostatite (LORENZI; MATOS, 2002), anti-inflamatório, tônico, anti-helmíntico (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

OBSERVAÇÕES: A coleta da planta deve ser evitada em lugares poluídos ou contaminados, pois pode trazer toxicidade do ambiente para a preparação medicinal. A planta consta no Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (2011) utilizado na forma de chá (infusão) como diurético leve e anti-inflamatório (BRASIL, 2011).

REFERÊNCIAS

BEVILAQUA, G. A. P.; NEDEL, J L.; ZUANAZZI, J. A. S.; CORREA, C. T. Distribuição geográfica e composição química de chapéu de couro (Echinodorus spp.) no Rio Grande do Sul. **Ciência rural**, Santa Maria, v. 31, n. 2, p. 213-218, mar./abr. 2001. Disponível em:<http://hdl.handle.net/10183/22519>. Acesso em: 07 dez. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira.** Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011. p.32. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/conteudo/Formulario_de_Fitoterapicos_da_Farmacopeia_Brasileira.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p.715. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 39-40.

MATIAS, L.Q. Alismataceae. In: **Flora do Brasil 2020 em construção.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB4261>. Acesso em: 28 mai. 2018.

OLIVEIRA, F.; AKISUE, G.; AKISUE, M.K. **Farmacognosia.** São Paulo: Atheneu, 2005. p. 70-71.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 48-49.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Echinodorus grandiflorus*. Disponível em: <http://www.tropi cos.org/Name/900024> Acesso em: 15 mar. 2017.

VAZ, A P A.; JORGE, M.H.A. Chapéu-de-Couro. **Série Plantas Medicinais, Condimentares e Aromáticas.** Corumbá: Embrapa, 2006. Disponivel em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/ CPAP/56566/1/FOL82.pdf > Acesso em: 17 mar. 2018.

Coronilha

Scutia buxifolia   *Rhammaceae*

Nome científico ou botânico: *Scutia buxifolia* Reissek (TROPICOS, s.d.)

Família: Rhamnaceae

Outros nomes populares: Espinho-de-touro, canela-de-espinho, laranjeira-do-mato (CASTRO; CHEMALE, 1995; SIMÕES et al., 1989).

Distribuição: Espécie nativa nas matas do sul da América do Sul. Ocorre no Brasil no Sudeste (Rio de Janeiro) e Sul (Santa Catarina, Rio Grande do Sul) (LIMA, 2015); Uruguai e Argentina (SIMÕES et al., 1989; CASTRO; CHEMALE, 1995).

Descrição: Arbusto ou árvore de 3 a 8 m quando no campo ou de 15 a 20 m quando na floresta. Copa densa e arredondada. Folhas perenes, simples, alternas, pecíolos muito curtos, forma oval-elíptica, obovadas ou obtusas, base arredondada e ápice mucronado, truncado, arredondado ou agudo. Bordos lisos com poucos dentes muito pequenos de cada lado, lâminas verde-escuras com a face adaxial mais escura brilhante do que a face abaxial verde-clara e fosca. Os brotos foliares são macios e avermelhados no inicio e tornam-se coriáceos com a maturidade foliar. A folha nasce entre dois espinhos e tem posição geralmente pendente (Fig.18, Fig.19b). O caule é marrom claro e a casca é vermelho-escura e fina, destaca-se com facilidade (Fig.19a). Ramos eretos, horizontais e até pêndulos, finos e flexíveis, quadrangulares, com espinhos retos e agudos. Flores muito pequenas, sésseis, amarelo-esverdeadas localizadas na axila do ramo. Frutos do tipo drupa subesféricos ou piriformes, triloculares de cor esverdeada, que ficam roxos quando maduros (CASTRO; CHEMALE, 1995; STUMPF; BARBIERI; HEIDEN, 2009; SIMÕES et al., 1989).

Fig. 18 Ramo com filotaxia alterna, espinhos no pecíolo da folha, pecíolo curto, lâmina brilhante.
(Foto: Mariano Pairet, 2017)

Fig. 19a Caule marrom claro com cascas vermelho-escuras que se destacam com facilidade
(Foto: Mariano Pairet, 2017)

Cultivo: Cultivada por sementes, as mudas devem ser feitas em viveiros em embalagens individuais, transplantadas para o local definitivo quando estiverem com cerca de 30 cm. É adaptável a variadas condições de solo, sendo os melhores areno-argilosos, férteis e com boa umidade (CASTRO; CHEMALE, 1995).

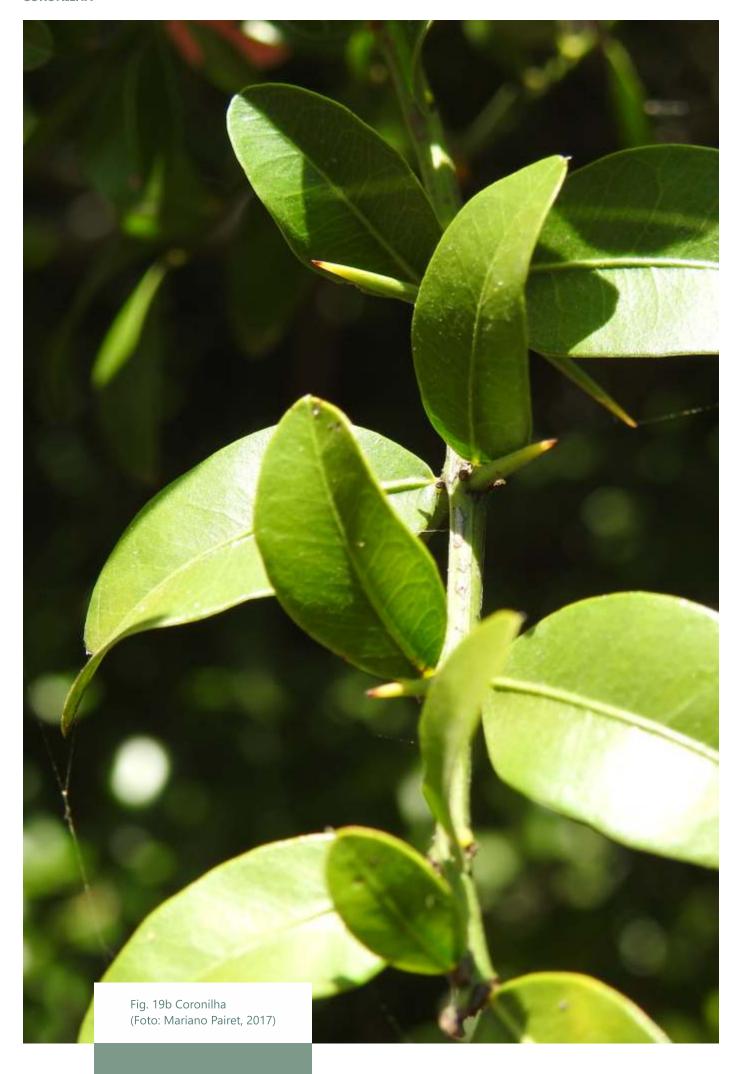
Parte Utilizada: Cascas do tronco e folhas (SIMÕES et al., 1989).

Dados químicos: Flavonoides, terpenoides, óleo essencial, alcaloides (BOLIGON, 2010; BOLIGON et al., 2014).

Usos Populares: As cascas e folhas são usadas em infusões (chá) como diuréticas e hipotensoras. A tintura das cascas é empregada como tônico cardíaco (SIMÕES et al., 1989; BOLIGON, 2010).

OBSERVAÇÕES: Espécie muito usada como medicinal na água do chimarrão no interior do Rio Grande do Sul (SIGRIST, 2012).

Fig. 19b Coronilha
(Foto: Mariano Pairet, 2017)

REFERÊNCIAS

BOLIGON. A.A. **Atividade antioxidante de flavonoides e terpenoides obtidos das folhas e da casca do tronco de *Scutia buxifolia* Reissek.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/5895/BOLIGON%2c%20ALINE%20AUGUSTI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 dez. 2017.

BOLIGON A.A.; PIANA, M.; BRUM, T. F.; FROEDER, A. L.F.; BELKE, B. V.; SCHWANZ, T. G.; MARIO. D. N.; ALVES, S. H.; ATHAYDE, M. L. *Scutia buxifolia* Reissek essential oil: in vitro antioxidant and antimicrobial activities. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, Rio de Janeiro, v. 86, n. 3, p. 1463-1469, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aabc/v86n3/0001-3765-aabc-8603-1463.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais condimentares e aromáticas.** Descrição e cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p. 48-51.

LIMA, R.B. 2015. Rhamnaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB108417>. Acesso em: 02 abr. 2017.

SIGRIST, S. Coronilha. PPMAC - Portal de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares. Piracicaba, 2012. Disponível em: <http://www.ppmac.org/content/coronilha>. Acesso em 16 out. 2017.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 48-49.

STUMPF, E. R. T.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. **Cores e formas no Bioma Pampa:** plantas ornamentais nativas. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. p. 224. Disponível em: <http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20160607121021rsbiodiversidade_livro_ornamentais.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Scutia buxifolia*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/27500129>. Acesso em: 15 mar. 2017.

Erva-baleeira

Varronia curassavica Boraginaceae

Nome científico ou botânico: *Varronia curassavica* Jacq. (TROPICOS, s.d.)

Família: Boraginaceae

Outros nomes populares: Baleeira, camarinha, catinga-de-barão, erva-preta, maria-preta, camaramomeira-do-brejo (LORENZI; MATOS, 2002).

Distribuição: Espécie nativa no Brasil. Ocorre no Norte (Amazonas, Amapá, Pará, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe), Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (FLORA DO BRASIL, s.d.).

Descrição: Arbusto ereto, muito ramificado de até 2 m de altura (Fig. 20). Folhas verdes, simples, inteiras, coriáceas, aromáticas, filotaxia alterna, forma oblongo-lanceolada, ápice agudo, margem dentada, face abaxial pubescente com nervuras proeminentes, rugosas na face adaxial (STUMPF; BARBIERI; HEIDEN, 2009). Flores brancas, pequenas, dispostas em inflorescências (Fig. 21, Fig. 22). Frutos pequenos, arredondados e de cor vermelho-escuro do tipo grão (cariopse) (ALICE et al., 1995; LORENZI; MATOS, 2002).

Cultivo: Propagação por sementes (FALKENBERG, 2011) ou mudas produzidas a partir de estacas de ramos novos (MAGALHÃES, 1997; VAZ; JORGE, 2006).

Fig. 20 Arbusto muito ramificado (Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Parte utilizada: Folhas e partes aéreas (FALKENBERG, 2011).

Dados químicos: Óleo essencial (QUEIROZ et al., 2016), flavonoides (SIGRIST, 2014), triterpenos (LORENZI; MATOS, 2002; VAZ; JORGE, 2006).

Usos populares: Utilizada no tratamento da úlcera gástrica, artrite reumatoide e diversos processos inflamatórios e infecciosos como cicatrizante e anti-inflamatória (LORENZI; MATOS, 2002; ALICE et al., 1995; SIGRIST, 2014).

Fig. 21 Ramo com inflorescência e folhas com bordo dentado, nervuras mediana e secundárias da folha bem evidentes (Foto: Diego Rocha Chollet, 2013)

OBSERVAÇÕES: Esta espécie tem como sinônimo botânico *Cordia curassavica* (Jacq.) Roem. & Schult. (TROPICOS, s.d.) e *Cordia verbenacea* DC. (ALICE et al., 1995). A espécie *Cordia verbenacea* faz parte da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) (BRASIL, 2009), constituída de espécies vegetais com potencial de avançar nas etapas da cadeia produtiva e de gerar produtos de interesse do Ministério da Saúde do Brasil. Também consta no Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (2011) indicada como anti-inflamatória (BRASIL, 2011).

Fig. 22 Erva-Baleeira
(Foto: Diego Rocha Chollet, 2013)

REFERÊNCIAS

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular**: Atlas farmacognóstico. Canoas: ULBRA, 1995. p. 68-70.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. DAF/SCTIE/MS, fev/2009. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/06/renisus.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011. p. 28. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/conteudo/Formulario_de_Fitoterapicos_da_Farmacopeia_Brasileira.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FALKENBERG, M.B. *Varronia curassavica*. Erva-baleeira. In: CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p. 715. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 39-40.

MAGALHÃES, P.M. **O caminho medicinal das plantas.** Aspectos sobre o cultivo. Campinas: CPQBA-UNICAMP, 1997. p. 70-71.

QUEIROZ, T.B.; MENDES, A.D.R; SILVA, J.C.R.L.; FONSECA, F.S.A. , MARTINS, E.R. Teor e composição química do óleo essencial de erva-baleeira (*Varronia curassavica* Jaqc.) em função dos horários de coleta. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais,** Botucatu, v. 18, n. 1, 2016. Supl.1. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-084X/15_116>. Acesso em: 05 dez. 2017.

SIGRIST, S. Erva Baleeira. PPMAC - Portal de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares. Piracicaba, 2014. Disponível em: <http://www.ppmac.org/sites/default/files/erva_baleeira.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2017.

STUMPF, E. R. T.; BARBIERI, R. L.; HEIDEN, G. **Cores e formas no Bioma Pampa**: plantas ornamentais nativas. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. p. 130-131. Disponível em: < http://www.fzb.rs.gov.br/upload/20160607121021rsbiodiversidade_livro_ornamentais.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2017.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Varronia curassavica*. Disponível em <http://www.tropicos.org/ Name/4001245> Acesso em: 06 ago. 2017.

Varronia. In: Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB105435>. Acesso em: 06 ago. 2017.

VAZ, A. P. A.; JORGE, M. H. A. Erva-baleeira. Corumbá: Embrapa Pantanal, 2006. 1 p. (Plantas medicinais, codimentares e aromáticas). Folder Formato Eletrônico. Disponível em: <http://www.cpap.embrapa.br/publicacoes/online/FOL84.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2017.

Erva-de-bicho

Polygonum punctatum   Polygonaceae

Nome científico ou botânico: *Polygonum punctatum* Elliott (TROPICOS, s.d.)

Família: Polygonaceae

Outros nomes populares: Capetiçoba, catária, pimenta-do-brejo, pimenta-d'água, catala, capiçoba, percicária-do-brasil, petincobe, potincoba, erva-pulgueira (TESKE; TRENTINI, 1995; CRUZ, 1995; LORENZI; MATOS, 2002), cataia, persicária-do-brasil (FLORA SBS, s.d.).

Distribuição: Nativa nas Américas. No Brasil ocorre no Norte (Acre, Amazonas, Pará, Roraima), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (FLORA DO BRASIL, s.d.)

Descrição: Erva perene ou anual (VIBRANS et al., 2009), ramificada, com ramos avermelhados, com até 50 cm de altura. Folhas inteiras, lanceoladas, filotaxia alterna, de até 16 cm de comprimento, pecíolo curto (Fig.23). Flores brancas a rosadas, pequenas, reunidas em várias inflorescências na forma de racemo (Fig.24, Fig.25). Fruto do tipo núcula, trígono. Perianto frutífero pontuado com glândulas marrons visíveis a olho nu (SIMÕES et al., 1989; FLORA SBS, s.d.).

Fig. 23 Vista geral da espécie, ramos avermelhados e flores pequenas e brancas
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Fig. 24 Folhas com ápice agudo. Flores pequenas e brancas em inflorescência terminal do tipo racemo (Foto: Ricardo A. Ramos, 2011)

Cultivo: Planta ruderal, de crescimento vigoroso e infestante, aquática ou de terrenos brejosos e úmidos (VIBRANS et al., 2009), pode ser cultivada por sementes ou por estacas de galhos (ERVA-DE-BICHO, s.d.).

Parte Utilizada: Folhas (SIMÕES et al., 1989), caules, partes aéreas (SIGRIST, 2014).

Dados Químicos: Principalmente taninos, polifenóis, flavonoides (JÁCOME et al., 2004; SIGRIST, 2014), terpenos (FLORA SBS, s.d.).

Usos Populares: Adstringente, antisséptica, cicatrizante, anti-inflamatória (TESKE; TRENTINI, 1995), antibiótica (VIBRANS et al., 2009) estimulante, antigonorreica, uso interno e externo nas hemorroidas, erisipela, úlcera, feridas, febres, hidropisia e como vermicida. As folhas e os caules, em infusão, são empregados como estimulantes e diuréticos na gota e em certas moléstias urinárias. O suco é vermicida e pode ser administrado em clisteres, em febres perniciosas e congestões cerebrais. Toda planta é usada nas disenterias sanguíneas, hidropisias e edema das pernas (LORENZI; MATOS, 2002; VENDRUSCOLO et al., 2005). Atividade anti-inflamatória também foi descrita (CARDOSO; HONDA; DIAS, 2006; TESKE; TRENTINI, 1995).

OBSERVAÇÕES: Esta espécie faz parte da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) (BRASIL, 2009) e consta no Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira, com indicação do chá das partes aéreas da planta em uso externo como anti-hemorroidal. Contraindicado para gestantes e lactantes (BRASIL, 2011). Para a espécie *Polygonum punctatum* Elliot as sinonímias botânicas aceitas são *Polygonum acre* Lam. e *Polygonum acre* Kunth (TROPICOS, s.d.). Espécie semelhante a *P. hydropiperoides* Michx., distinguindo-se por apresentar o perianto frutífero pontuado com glândulas marrons (SIMÕES et al., 1989). A espécie P. *hydropiperoides* Michx. tem como sinonímias aceitas: *Persicaria hydropiperoides* (Michx.) Small, *Polygonum barbatum* L., *Polygonum mite* Pers (TROPICOS, s.d.).

Fig. 25 Erva-de-bicho (Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. DAF/SCTIE/MS, fev/2009. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/06/renisus.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. ANVISA. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira.** 1. ed. Brasilia: ANVISA, 2011. p. 55. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/julho/14/Formulario-de-Fitoterapicos-da-Farmacopeia-Brasileira-sem-marca.pdf> Acesso em: 17 mar. 2017.

CARDOSO, C. A. L.; HONDA, N. K.; DIAS, E. S. Avaliação do perfil cromatográfico em espécies de *Polygonum* e amostras comercializadas como "erva-de-bicho". **Revista Brasileira de Farmacognosia**, João Pessoa, v. 16, n. 2, Apr./June 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-695X2006000200018>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CRUZ, G.L. **Dicionário das plantas úteis do Brasil.** 5. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p.316-317.

ERVA-DE-BICHO - *Polygonum hydropiper* Michaux. - Ervas Medicinais – Ficha Completa Ilustrada. Portugal, [s.d.]. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/188346935/Erva-de-Bicho-Polygonum-hydropiper-Michaux-Ervas-Medicinais-Ficha-Completa-Ilustrada>. Acesso em: 05 mar. 2018.

Flora SBS. Polygonaceae. *Polygonum punctatum* - Erva-de-bicho. São Bento do Sul, Projeto Flora SBS, [s.d.]. Disponível em: <https://sites.google.com/site/florasbs/polygonaceae/polygonum-punctatum>. Acesso em: 20 mar. 2017.

JÁCOME, R.L.R.P.; LOPES, D.E.S.; RECIO, R.A.; MACEDO, J.F.; OLIVEIRA A.B. Caracterização farmacognóstica de *Polygonum hydropiperoides* Michaux e P. *spectabile* (Mart.) (Polygonaceae). **Revista Brasileira de Farmacognosia**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 21-27, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v14n1/a04v14n1.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p.388-389.

Polygonaceae. In: Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB13728>. Acesso em: 17 mar. 2017.

SIGRIST, S. Erva-de-bicho. PPMAC - Portal de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares. Piracicaba, 2014. Disponível em: <http://www.ppmac.org/content/erva-de-bicho>. Acesso em: 06 ago. 2018.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 62-63.

TESKE, M.; TRENTINI, A.M.M. **Herbarium.** Compêndio de fitoterapia. 2.ed. Curitiba: Herbarium, 1995. p. 126-127.

TROPICOS.org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Polygonum punctatum*. Disponível em <http://www.tropicos.org/ Name/26000886> Acesso em: 15 mar. 2017.

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas**, Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/ publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em :20 mar.2017.

VIBRANS, H.; ALIPI, A.M.H.; PICHARDO, J.M. CONABIO. Biodiversidad Mexicana. Polygonaceae. *Polygonum punctatum* Ell. Chilillo, Mexico, 2009. Disponível em: <http://www.conabio.gob.mx/malezasdemexico/polygonaceae/polygonum-punctatum/fichas/ficha.htm> Acesso em 20 mar. 2018.

Erva-santa

Aloysia gratissima Verbenaceae

Nome científico ou botânico: *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc. (TROPICOS, s.d.)

Família: Verbenaceae

Outros nomes populares: Erva-de-nossa-senhora, erva-da-graça (ALICE et al., 1995), garupa, erva-da-pontada, erva-das-sepulturas, chá-santo, cidrão, canelinha, chá-de-colônia (CASTRO; CHEMALE, 1995), alfazema-do-brasil (SANTOS et al., 2009).

Distribuição: Nativa no Brasil. Ocorrências confirmadas: Nordeste (Bahia), Centro-Oeste (Goiás), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (MORONI; O'LEARY, s.d.). A espécie ocorre também no sul dos Estados Unidos e México, na Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai (ALICE et al., 1995).

Descrição: Arbusto muito ramificado, de até 3 m de altura (Fig. 26). Caule ereto, de casca áspera, acinzentada ou verde-oliva com lenticelas visíveis (Fig. 27). Ramos eretos com ramificações secundárias opostas e cruzadas, longos, finos e folhosos. Folhas muito aromáticas simples, opostas, frequentemente com presença de pequenas folhas nos ramos, pecíolo curto, de consistência membranosa, forma oblonga, oblongo-lanceolada a elíptica, de cerca de 3,5 cm de comprimento e 0,8 cm de largura, peninérveas, ápice acuminado e base atenuada, às vezes mucronado, bordos lisos até a metade do limbo e serrilhados da metade até o ápice. Flores pequenas, brancas, muito perfumadas, em inflorescência axilares e terminais nos ramos (Fig. 28, Fig.29). Fruto seco e pequeno que se separa na maturação em dois mericarpos cilíndricos de até 0,2 cm de comprimento (ALICE et. al., 1995; CASTRO; CHEMALE, 1995).

Fig. 26 Arbusto muito ramificado
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Fig. 27
Caule de casca áspera
e ramos com ramificações
(Foto: Mariano Pairet, 2017)

Fig. 28 Ramo com inflorescência branca e com folhas simples, inteiras, filotaxia oposta
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Cultivo: A propagação pode ser feita por sementes ou por estacas, de preferência estaca de cruzeta pois há grande número de falhas com o uso de estacas simples. O poder germinativo das sementes é muito baixo e a germinação lenta e desigual. Exige meia-sombra para o bom nascimento das sementes. Não é exigente quanto ao tipo de solo, mas bons solos humosos a produção de mudas aumenta (CASTRO; CHEMALE, 1995; SANTOS et al., 2009).

Parte Utilizada: Folhas e ramos verdes para fins medicinais e sumidades floridas para fins aromáticos (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Dados químicos: Óleo essencial, flavonoides (VANDRESEN et al., 2010), triterpenos, iridoides (VANDRESEN et al., 2002), hidrocarbonetos sesquiterpênicos (FRANCO et al., 2007).

Usos Populares: O caule e as folhas são usados contra febre, gripe e pontada. Utilização das folhas na dor de cabeça, bronquite, resfriados e tosses, pneumonia, febres, para eliminar vermes, dores em geral, problema do fígado, enjôo, contra hemorróidas (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005).

OBSERVAÇÕES: Outra espécie utilizada para os mesmos fins medicinais é a chamada erva-cidreira, cidrão, cidrozinho, erva-luisa de nome botânico *Aloysia triphylla* (L'Hér.) Britton, também da mesma família Verbenaceae (LORENZI; MATOS, 2002).

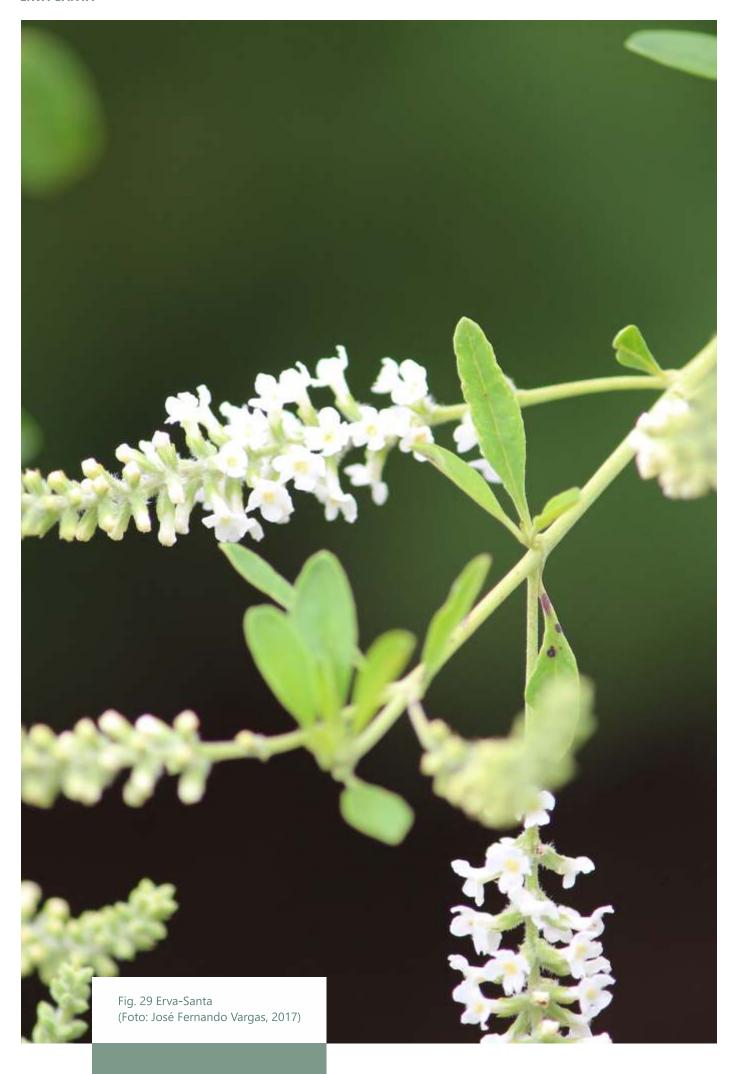



Fig. 29 Erva-Santa
(Foto: José Fernando Vargas, 2017)

REFERÊNCIAS

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular**: Atlas farmacognóstico. Canoas: ULBRA, 1995. p.26-28.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas:** Descrição e cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p.56-59.

FRANCO, A.L.P.; OLIVEIRA, T.B.; FERRI, P.H.; BARA, M.T.; PAULA, J.E. Avaliação da composição química e atividade antibacteriana dos óleos essenciais de *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook) Tronc. (alfazema), *Ocimum gratissimum* L. (alfavaca-cravo) e *Curcuma longa* L. (açafrão). **Revista Eletrônica de Farmácia**, Goiânia, v. IV, n. 2, p. 00-00, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/REF/article/view/3063/3096>. Acesso em: 05 jan. 2018.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p.388-389.

MORONI, P.; O'LEARY, N. Aloysia. In: **Flora do Brasil 2020 em construção.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB135457>. Acesso em: 16 out. 2017.

SANTOS, F.M.; PINTO, J.E.B.P.; ALVARENGA, A.A.; OLIVEIRA, J.A.; OLIVEIRA, A.A.; OLIVEIRA, L.P. Produção de mudas de *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc. por meio da propagação sexuada e assexuada. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 11, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v11n2/a03v11n2.pdf>. Acesso em: 16 out. 2017.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Aloysia gratissima.* Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/33700918> Acesso em: 31 ago. 2017.

VANDRESEN, F.; NURNBERG, V.; FERREIRA, H.D.; KATO, L.; OLIVEIRA, C.M.A.; SILVA, C.C. Constituintes terpênicos de *Aloysia gratissima* (Verbenaceae). 25a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química – SBQ. **Resumos...** SBQ, Poços de Caldas-MG, 2002. Disponível em: <http://www.iaea.org/inis/collection/NCLCollectionStore/_Public/38/111/38111198.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

VANDRESEN, F.; SCHMITT, E.; KATO, L.; OLIVEIRA, C.M.A.; AMADO, C.; SILVA, C.C. Constituintes químicos e avaliação das atividades antibacteriana e antiedematogênica de *Aloysia gratissima* (Gillies & Hook.) Tronc. e *Aloysia virgata* (Ruiz & Pav.) Pers., Verbenaceae. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v. 20, n.3, p. 317-321, jun./jul. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v20n3/a05v20n3.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas**, Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em 31 ago. 2017.

Espinheira-santa

Maytenus ilicifolia Celastraceae

Nome científico ou botânico: *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reissek (TROPICOS, s.d.)

Família: Celastraceae

Outros nomes populares: Sombra-de-touro, cancorosa, espinheira-divina (ALICE et. al., 1995), cancerosa (SIMÕES et al., 1989; CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011), cancorosa-de-sete-espinhos, maiteno (CASTRO; CHEMALE, 1005), cancrosa, salva-vidas, espinho-de-deus (CRUZ, 1995).

Distribuição: No Brasil ocorre predominantemente nos estados da Região Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul), Sudeste (São Paulo), Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul) (CORADIN; SMINSKI; REIS, 2011), também no Norte da Argentina, Norte do Uruguai e Paraguai (CASTRO; CHEMALE, 1995) e Bolívia (ALICE et al., 1995).

Descrição: Planta arbustiva ou árvore, perene (ALICE et al., 1995; LORENZI; MATOS, 2002), multicaule, formando touceiras densas com perfilhos oriundos das raízes (CASTRO; CHEMALE, 1995). Caule muito ramificado, verde-acinzentado, lenhoso, ereto, apresentando estrias longitudinais que a diferenciam das outras espécies do gênero (MAGALHÃES, 1997) (Fig. 30). Folhas com filotaxia alterna helicoidal (MAGALHÃES, 1997), simples, lanceolada, pecíolo curto, de consistência coriácea, com a margem e o ápice com dentes espinhosos, em número ímpar (5, 7 ou 9), raramente com bordos lisos, lâmina glabra, verde-escuras e brilhantes na face adaxial e verde-claro foscas na face abaxial (Fig. 31). Flores pequenas e agrupadas em pequenas inflorescências nas axilas das folhas, esverdeadas e frutos pequenos, alaranjados ou marrons (Fig. 31 e Fig. 32) (SIMÕES et al., 1989; ALICE et al., 1995; CASTRO; CHEMALE, 1995; LORENZI; MATOS, 2002).

Fig. 30 Arbusto perene, multicaule (Foto: Clarice A Machado, 2012)

Fig. 31 Ramo com frutos e folhas, observar a nervura mediana da folha bem evidente, verde brilhante, bordo denteado com espinho terminal, frutos alaranjados
(Foto: Ricardo A. Ramos, 2008)

Fig. 32 Ramo com folhas e frutos marrons
(Foto: Ricardo A. Ramos, 2008)

Cultivo: Propagação realizada por sementes, as quais devem ser colhidas quando os frutos se abrem. O estágio de máximo poder germinativo é quando as sementes estão escuras (verifica-se raspando o arilo, retirando o revestimento da semente). Planta de desenvolvimento lento, pode ser cultivada em sacos plásticos compridos (30-40cm) para não prejudicar a raiz pivotante. Deve ser cultivado a pleno sol, solos bem drenados e com alto teor de matéria orgânica (MAGALHÃES, 1997). Também pode ser propagada por estacas e por rebentos nascidos das raízes. Época de plantio: Rebentos e estacas, outono-inverno, por sementes na primavera. A época de colheita das folhas na floração e raízes na primavera-verão (CASTRO; CHEMALE, 1995; CORADINI; SIMINSKI; REIS, 2011).

Parte Utilizada: Folhas (ALICE et al.; 1995; SIMÕES et al.; 1989, BRASIL, 2016) e ramos (CORADINI; SIMINSKI; REIS, 2011).

Dados químicos: Terpenos, flavonoides, taninos, alcaloides (ALONSO; DESMARCHELIER, 2007).

Usos Populares: Adstringente, analgésica, aperiente, antitumoral, anti-inflamatória, balsâmica, para aliviar crises de asma, antiespasmódica, digestiva, antiácida, carminativa, eupéptica, antiulcerogênica (casca em decocção), antisséptica, cicatrizante, contraceptiva, emenagoga, colagoga, sialogoga, febrífuga, estomáquica, laxativa, reguladora da fertilidade, tônica, vulnerária. Em uso interno o chá de folhas é referido como cicatrizante de úlceras de estômago, antiasmática, anticonceptivo, estomacais e diurético, antipirético (para febres), e no alívio de intoxicação alcoólica. Em uso externo, o chá das folhas é indicado como antisséptico em feridas e úlceras (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005). Existem estudos farmacológicos que relatam ação antiúlcera e analgésica (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

OBSERVAÇÕES: Espécie que consta no Programa de Plantas Medicinais e Fitoterápicos do Ministério da Saúde para o SUS (BRASIL, 2008), na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) (BRASIL, 2009), no Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira (BRASIL 2016) e no Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2011) e na Rename (Relação Nacional de Medicamentos Essenciais) (BRASIL 2017). É indicada na forma de chá (infusão) como antidispéptico, antiácido e protetor da mucosa gástrica (BRASIL, 2011). Não deve ser usada durante a gravidez, lactação e em crianças menores de seis anos (BRASIL, 2016).

O nome popular espinheira-santa é designado a várias espécies vegetais de diferentes famílias botânicas no sul do Brasil. Além de *Maytenus ilicifolia*, são utilizadas como medicinais *M. aquifolium* Mart., *Sorocea bonplandii* (Baill.) W.C. Burger (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011) e *Citronella gongonha* (Mart.) R.A. Howard) (ALONSO; DESMARCHELLIER, 2007).

Maytenus ilicifolia é confundida com o cincho (*Sorocea bonplandii* (Baill.) W.C.Burger et al.) (Fig. 33a, Fig. 34), mas este possui folhas grandes com nervação característica, mais compridas do que a *Maytenus ilicifolia* (Fig. 33b) e com maior número de espinhos nos bordos foliares (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011) além de possuir látex (FLORA SÃO BENTO DO SUL, 2009).

Fig. 33a Folha de Cincho (*Sorocea bonplandii*), detalhe da nervação na face adaxial comparada com Espinheira-santa (Fig. 33b) (*Maytenus ilicifolia*) (Foto: José Fernando Vargas, 2017)

Fig. 34 Folha de Cincho (*Sorocea bonplandii*), detalhe da nervação na face abaxial
(Foto: José Fernando Vargas, 2017)

REFERÊNCIAS

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular:** Atlas farmacognóstico. Canoas: ULBRA, 1995. p.117-119.

ALONSO, J.; DESMARCHELIER, C. *Maytenus ilicifolia* Martius (Congorosa). Monografias. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas,** Santiago de Chile, v. 6, n.1, p. 11-22, jan. 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/856/85660105/>. Acesso em: 05 jan. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria Interministerial nº 2.960, de 9 de dezembro de 2008. Aprova o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e cria o Comitê Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: **Diário Oficial da União**, 9 dez. 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri2960_09_12_2008.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. DAF/SCTIE/MS, fev/2009. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/06/renisus.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. ANVISA. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira.** 1. ed. Brasilia: ANVISA, 2011. p. 40. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/julho/14/Formulario-de-Fitoterapicos-da-Farmacopeia-Brasileira-sem-marca.pdf>. Acesso em: 15 mar. 1017.

BRASIL. ANVISA. **Memento Fitoterápico da Farmacopeia Brasileira** - 1 ed. Brasilia: ANVISA, 2016. *Maytenus ilicifolia*. p. 66. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/2909630/Memento+Fitoterapico/a80ec477-bb36-4ae0-b1d2-e2461217e06b>. Acesso em: 15 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Relação Nacional de Medicamentos Essenciais. Brasilia: Ministério da Saúde, 2017. p. 110. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relacao_nacional_medicamentos_rename_2017.pdf>. Acesso em: 05 abr 2017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas:** descrição e cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p.35-38.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p.636-648. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wpcontent/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CRUZ, G.L. **Dicionário das plantas úteis do Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p.335-336.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

MAGALHÃES, P.M. **O Caminho medicinal das plantas.** Aspectos sobre o cultivo. Campinas: RZM, 1997. p. 83-85.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 74-75.

Sorocea bonplandii. Flora São Bento do Sul, Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://sites.google.com/site/florasbs/moraceae/cincho?tmpl=%2Fsystem%2Fapp%2Ftemplates%2Fprint%2F&showPrintDialog=1>. Acesso em: 05 abr. 2017.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Maytenus ilicifolia*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/27500129. Acesso em: 15 mar. 2017.

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas**, Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Gervão

Stachytarpheta cayennensis Verbenaceae

Nome científico ou botânico: *Stachytarpheta cayennensis* (Rich.) Vahl (TROPICOS, s.d.)

Família: Verbenaceae

Outros nomes populares: Gervão-roxo, rinchão, gervão do campo, verbena-falsa (CASTRO; CHEMALE, 1995), gervão, gervão-azul (ALICE et al., 1995), chá-do-brasil, aguarapondá, erva-gervão, ervão, uregão, urgevão (LORENZI; MATOS, 2002).

Distribuição: Espécie amplamente distribuída na América Central e América do Sul, ocorrendo como ruderal nas regiões tropical e subtropical. Ocorre no Brasil no Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Tocantins), Nordeste (Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (FLORA DO BRASIL, s.d.).

Descrição: Arbusto ou subarbusto anual ou perene, ereto e muito ramificado, de até 1m de altura (Fig. 35). Caule muito ramificado, pardo-esverdeado. Ramos eretos, ligeiramente pilosos, verde-claros ou arroxeados na extremidade. Folhas simples, opostas, ovado-oblongas a ovado-lanceoladas ou elípticas, bordos serreados, pecíolo curto com duas estípulas na base. Face adaxial verde-escuro-brilhante e inferior verde-clara com as nervuras salientes e com pelos ásperos. Flores de cor azul-celeste, azul-violácea ou brancas (Fig. 36; Fig. 37; Fig. 38). Fruto seco, esquizocarpo (ALICE et al., 1995; CASTRO; CHEMALE, 1995; LORENZI; MATOS, 2002).

Fig. 35 Canteiro com Gervão
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Fig. 36 Gervão
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Fig. 37 Ramo com flores e folhas com inserção alternada no ramo, nervura mediana da folha bem evidente, pecíolo curto (Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Cultivo: A propagação é feita por sementes (SIGRIST, 2012) e pode ser feita em solos secos, areno-argilosos, férteis em matéria orgânica e nutrientes minerais. Naturalmente ocorre em beira de matas e áreas alteradas, sendo considerada planta daninha quando cresce onde não é desejada (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Parte Utilizada: Partes aéreas (ALICE et al., 1995), floridas (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Dados químicos: Alcaloides, esteróis, saponinas, flavonoides, compostos fenólicos (SIGRIST, 2012).

Usos Populares: A parte aérea é usada contra tosse, problemas do fígado, resfriado, reumatismo, coluna, gripe e bronquite. Também é empregada em banhos de descarga no uso religioso. As folhas são usadas contra câncer, infecções, inflamação com dor, sinusite, tosse, como hipocolesteremiantes, hipotensoras e em problemas circulatórios. Os frutos são usados na gripe enquanto a planta inteira como depurativa e problemas da próstata (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005). Extratos da planta apresentam atividade contra malária (OKOKON; ETTEBONG; ANTIA, 2008).

OBSERVAÇÕES: Outras espécies deste gênero ocorrem no Brasil; as mais usadas para os mesmos fins terapêuticos são *Stachytarpheta jamaicensis* (L.) Vahl e *Stachytarpheta elatior* Schrad. (LORENZI; MATOS, 2002).

Fig. 38 Gervão
(Foto: José Fernando Vargas, 2017)

REFERÊNCIAS

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular:** Atlas farmacognóstico. Canoas: ULBRA, 1995. p.169-172.

CASTRO, L. O.; CHEMALE, V. M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas:** Descrição e Cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p.74-76.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 496-497.

OKOKON, J. E.; ETTEBONG, E.; ANTIA, B. S. In vivo antimalarial activity of ethanolic leaf extract of *Stachytarpheta cayennensis*. **Indian Journal of Pharmacology**, Chandigarh, v. 40, n. 3, p. 111–113, Jun 2008. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2792606/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

SIGRIST, S. Gervão. PPMAC - Portal de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares, 2012. Disponível em: < http://www.ppmac.org/content/gerv%C3%A3o>. Acesso em: 05 jan. 2018.

Stachytarpheta. In: Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB21466>. Acesso em: 05 jan. 2018.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Stachytarpheta cayennensis*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/33700808>. Acesso em: 30 out. 2017.

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas**, Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/ publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em 31 ago. 2017.

Jurubeba

Solanum paniculatum   Solanaceae

Nome científico ou botânico: *Solanum paniculatum* L. (TROPICOS, s.d.)

Família: Solanaceae

Outros nomes populares: Juribeba, juribebe, juripeba, jubeba (CRUZ, 1995), jupeba, jurubeba-branca, jurubeba-verdadeira, jurubebinha, jurupeba, jurumbeba, juvena, juuna (LORENZI; MATOS, 2002).

Distribuição: Nativa no Brasil. Ocorre no Norte (Pará), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (FLORA DO BRASIL, s.d.).

Descrição: Arbusto pequeno de 1 a 1,5m (Fig. 39) coberto de pelos claros, com acúleos distribuídos nos ramos basais, curvos e alargados na base característico desta espécie (MENTZ; OLIVEIRA, 2004) (Fig. 40). Folhas com filotaxia alterna, inteiras, cinco a sete lobadas, de ápice agudo, verde-escura na face adaxial e acinzentada na face abaxial devido à presença de pelos. Eventualmente ocorrem espinhos sobre as nervuras. Flores dispostas em inflorescência paniculada, muito ramificada, de cor branca a azul-arrocheada (Fig. 41). Frutos amarelos quando maduros, globosos e pequenos (cerca de 1 cm de diâmetro), pedicelos pendentes, engrossados em direção ao ápice (LORENZI; MATOS, 2002; CASTRO; CHEMALE, 1995; SIMÕES et al., 1989).

Fig. 39 Arbusto pequeno, folhas de cor verde clara (Foto: Mariano Pairet, 2017)

Fig. 40 Ramo com acúleos curvos de base alargada (Foto: Mariano Pairet, 2017)

Cultivo: A propagação é feita por rebrotes originados da raiz que emergem junto ao pé principal. Prefere solos arenosos e levemente úmidos, ricos em matéria orgânica (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Parte Utilizada: Raízes, folhas e frutos (SIMÕES et al., 1989; LORENZI; MATOS, 2002; TENÓRIO, 2015).

Dados químicos: Alcaloides, saponinas esteróis e glicosídeos (LORENZI; MATOS, 2002).

Usos Populares: Tratamento de anemia e problemas hepáticos, anti-inflamatória, emenagoga, anti-úlcera (TENÓRIO, 2015), inflamação do baço e vesícula, em diabetes (SIMÕES et al., 1989), diurética, uso externo como cicatrizante de feridas, pruridos e contusões (TENÓRIO, 2015; LORENZI; MATOS, 2002).

OBSERVAÇÕES: Esta espécie faz parte da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) (BRASIL, 2009). É confundida com outra jurubeba, *Solanum fastigiatum* Willd., que tem ocorrência mais frequente no estado do Rio Grande do Sul. As duas espécies diferem entre si nos tipos de pelos das folhas e ramos e na forma dos espinhos, que em *S. fastigiatum* são retos e finos (SIMÕES et al. 1989).

Fig. 41 Ramo com inflorescência terminal, folhas lobadas e espinhos pequenos no caule
(Foto: Diego Rocha Chollet, 2013)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. DAF/SCTIE/MS, fev/2009. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/06/renisus.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas:** Descrição e cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p.84-87.

CRUZ, G.L. **Dicionário das plantas úteis do Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p.408.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

MENTZ, L.A.; OLIVEIRA, P.L. O Genero Solanum na Região Sul do Brasil. **Pesquisas** Série Botânica, São Leopoldo, v. 54, p. 1-327, 2004. p. 24; p. 125-126. Disponível em <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica54/botanica54-texto.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 98-99.

Solanum. In: Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB14821>. Acesso em: 01 abr. 2017.

TENÓRIO, J.A.B. **Caracterização química, toxicológica e atividades farmacológicas do extrato das raízes de *Solanum paniculatum* L.** Tese (Doutorado em desenvolvimento e inovação tecnológica em medicamentos. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Química, Recife, 2015. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede/bitstream/tede2/5221/2/Jonh%20Aldson%20 Bezerra%20Tenorio.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2018.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.] *Solanum paniculatum*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/29600133>. Acesso em: 30 mar. 2017.

Malva

Malva parviflora Malvaceae

Nome científico ou botânico: *Malva parviflora* L. (TROPICOS, s.d.)

Família: Malvaceae

Outros nomes populares: Malva-pequena, malva-da-flor-pequena (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Distribuição: Planta naturalizada no Brasil (SCHNEIDER, 2007). Origem geográfica europeia. Muito dispersa pelo mundo, sendo assilvestrada ou cultivada em inúmeros países de regiões tropicais e subtropicais (CASTRO; CHEMALE, 1995). Ocorre no Rio Grande do Sul e no Brasil por introdução acidental (SCHNEIDER, 2007).

Descrição: Planta anual, bianual ou perene, herbácea (0,50-0,70cm). Caule ramificado. Ramos verde-claro com pelos esbranquiçados. Folhas simples, estipuladas, pecíolo longo e piloso, lâmina de forma quase orbicular, multilobadas, com recortes pouco profundos, lobos com bordos crenados e serrilhados; de cor verde-clara em ambas as faces, nervação palminérvea (Fig. 42), consistência macia, não aromática, áspera ao toque pela presença de pelos estrelados. Flores pequenas, rosa pálido, solitárias na axila dos pecíolos (Fig. 43). Fruto composto contendo cerca de 10 sementes (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Fig. 42 Planta herbácea, folhas verde-claro, palminérvea, com nervações bem evidentes na face adaxial (Foto: Clarice A Machado, 2013)

Fig. 43 Ramo com folhas e botão floral (Foto: Clarice A Machado, 2013)

Cultivo: Propagação por sementes em solos férteis, ricos em matérias orgânicas e que sejam profundos e drenados. Não gosta de solos ácidos, úmidos, compactos e rasos. Solos arenosos e pobres também reduzem a parte aérea e favorecem o aparecimento de ferrugens (CASTRO, CHEMALE, 1995).

Parte Utilizada: Folhas, ramos e raízes (AZAB, 2017).

Dados químicos: Substâncias fenólicas, fitoesteróis, mucilagens (AZAB, 2017), flavonoides, taninos, alcaloides e saponinas (FARHAN et al., 2012).

Usos Populares: Anti-inflamatória, béquica, calmante, vulnerária (AZAB, 2017), antioxidante (FARHAN et al., 2012).

OBSERVAÇÕES: Espécie medicinal usada para os mesmos fins terapêuticos que *Malva sylvestris* L. (LORENZI; MATOS, 2002).

REFERÊNCIAS

AZAB, A. Malva: food, medicine and chemistry. **European Chemical Bulletin**, Jodhpur, v. 6, n. 7, p. 295-320, 2017. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=43&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiFvXavZzYAhXhhOAKHSs7BsQ4KBAWCDUwAg&url=http%3A%2F%2Fwww.eurchembull.com%2Findex.php%2FECB%2Farticle%2Fdownload%2F2039%2Fpdf_122&usg=AOvVaw2jWAfg6DpzYfqFJ0WMaYnf>. Acesso em: 14 dez. 2017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas:** Descrição e Cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p.99-101.

FARHAN, H.; RAMMAL, H; HIJAZI, A.; BADRAN, B. Preliminary phytochemical screening and extraction of polyphenol from stems and leaves of a lebanese plant *Malva parviflora* L. **International Journal of Current Pharmaceutical Research**, Sagar, v. 4, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.ijcpr.org/Issues/Vol4Issue1/456.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 329.

SCHNEIDER, A. A. A flora naturalizada no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil: herbáceas subespontâneas. **Biociências**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 257-268, jul. 2007. p. 265. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fabio/article/viewFile/254/3005>. Acesso em: 14 dez. 2017.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Malva parviflora*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/19600174>. Acesso em: 30 mar. 2017.

Marcela

Achyrocline satureioides Asteraceae

Nome científico ou botânico: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC. (TROPICOS, s.d.)

Família: Asteraceae

Outros nomes populares: Macelinha, macela (CORADIN; SIMINSKI, REIS, 2011), alecrim-de-parede, camomila-nacional, carrapichinho-de-agulha, chá-de-lagoa, losna-do-mato, macela-amarela, marcela-da-terra, marcela-do-campo, macela-do-sertão, marcela-galega, paina (LORENZI; MATOS, 2002).

Distribuição: Nativa no Brasil. Ocorre no Nordeste (Bahia), Centro-Oeste, Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo), Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (FLORA DO BRASIL, s.d.) e ainda no Uruguai, Argentina e Paraguai (SIMÕES et al., 1989; CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

Descrição: Erva anual ou bianual, muito ramificada, altura 0,40cm-0,60cm até 1,5m, coberta de pilosidade branca (Fig. 44). Caule pardo ou verde amarelado com numerosos ramos finos e longos, de secção circular, quebradiços e aromáticos. Folhas simples, alternas, inteiras, pecíolo curto, estreitas, forma lanceolado-alongadas, nervação peninérvea com nervura principal visível na face abaxial e nervuras secundárias pouco visíveis, bordos lisos ou levemente denteados ou ondulados, face adaxial verde-clara e abaxial esbranquiçada-tomentosa, consistência macia e aromática (Fig. 45). Flores reunidas em inflorescência com pedicelos longos, amarelas (Fig. 46). Frutos do tipo aquênio de cor parda, sementes constituídas pelos aquênios (SIMÕES et al., 1989; ALICE et al., 1995; CASTRO; CHEMALE, 1995).

Fig. 44 Canteiro de marcela, forma vegetativa
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Fig. 45 Ramo com folhas com inserção alternada no ramo, pecíolo curto
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Cultivo: Propagação por sementes, raramente por estacas esgaçadas. Solos férteis, levemente úmidos e humosos são os melhores para cultivo. Nos solos secos e arenosos a produção é menor e as plântulas sofrem com as secas, pois seu sistema radicular é superficial e pouco abundante de raízes secundárias. Cresce espontaneamente em pastagens e beira de estradas (CASTRO; CHEMALE, 1995; MAGALHÃES, 1997).

Parte utilizada: Inflorescência (SIMÕES et al., 1989).

Dados químicos: Flavonoides (LORENZI; MATOS, 2002), óleo essencial, saponinas triterpênicas (TESKE; TRENTINI, 1995), cumarinas (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

Usos populares: O chá das inflorescências (ou flores) tem ação digestiva, emenagoga, amargo-tônica, estimulante e antiespasmódica, calmante, para baixar o colesterol, em crise de fígado, diarreia, como diurética, para dor de cabeça e dente, como emagrecedora, em enjôo, problemas do estômago e azia, febres, como fortificante, na gripe, para combater lêndeas e em casos de mal-estar (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005). Extratos das flores apresentaram atividade antiespasmódica, anti-inflamatória, antibacteriana, analgésica, sedativa (SIMÕES et al., 1989) e antiviral (TESKE; TRENTINI, 1995).

Fig. 46
Ramo com inflorescência amarela terminal e aromática característica
(Foto: José Fernando Vargas, 2018)

OBSERVAÇÕES: A espécie que consta no Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira, indicada com antidispéptica, antiespasmódica e anti-inflamatória (BRASIL, 2011). Ocorre na região Sudeste do Brasil a espécie *Achyrocline alata* conhecida pelos mesmos nomes populares e com propriedades e características semelhantes (LORENZI; MATOS, 2002). Por lei Estadual foi declarada planta medicinal símbolo do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2002).

REFERÊNCIAS

Achyrocline. In: Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB108826>. Acesso em: 03 nov. 2017.

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular:** Atlas farmacognóstico. Canoas: ULBRA, 1995. p.169-172.

BRASIL. ANVISA. **Formulário de fitoterápicos da farmacopeia brasileira**. 1. ed. Brasilia: ANVISA, 2014. p. 40. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/julho/14/Formulario-de-Fitoterapicos-da-Farmacopeia-Brasileira-sem-marca.pdf>. Acesso em: 03 nov. 1017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais condimentares e aromáticas.** Descrição e Cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p. 96-98.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p.541-544. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 131-132.

MAGALHÃES, P.M. **O caminho medicinal das plantas**: aspectos sobre o cultivo. Campinas: CPQBA-UNICAMP, 1997. p. 46-47

RIO GRANDE DO SUL. Lei no.11.858, de 5 de dezembro de 2002. Institui a Planta Medicinal Símbolo do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado do RS**, nº 235, 6 dez. 2002. Disponível em: < http://www.clarimfarrapo.com/simbolos/11.858%20-%202002.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2017.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 108-109.

TESKE, M.; TRENTINI, A.M.M. Herbarium. **Compêndio de fitoterapia**. 2.ed. Curitiba: Herbarium, 1995. p. 211-212.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, s.d. *Achyrocline satureioides*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/2717100>. Acesso em: 15 out. 017.

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas**, Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/ publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em: 20 out. 2017.

Murta

Blepharocalyx salicifolius Myrtaceae

Nome científico ou botânico: *Blepharocalyx salicifolius* (Kunth) O. Berg (TROPICOS, s.d.)

Família: Myrtaceae

Outros nomes populares: Guamirim, cambuim (ALICE et al., 1995; LORENZI, 1998), maria-preta (GODINHO et al., 2014).

Distribuição: Planta nativa. Ocorre no Brasil no Nordeste (Bahia), Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Goiás), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) (SOBRAL et al., 2015), Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia (LORENZI, 1998) e Equador (REGO et al., 2009).

Descrição: Árvore de pequeno a médio porte, até 20m de altura, copa densa e globosa, com tronco reto, cilíndrico, casca grossa e fissurada longitudinalmente (Fig. 47). Folhas perenes, simples, inteiras, opostas, glabras, pecíolo curto, consistência subcoriácea, de até 7 cm de comprimento e 2,5 cm de largura, ápice e base agudos, verde-escuras quando adultas, nervuras pouco evidentes e unidas entre si por uma nervura paralela ao bordo do limbo (Fig. 48, Fig. 49). Flores brancas. Frutos vermelho-escuro quando maduros, tipo baga, medem cerca de 0,5 cm de diâmetro, com aproximadamente quatro sementes. Possuem sabor agradável e são disputados por várias espécies de aves (LORENZI, 1998; ALICE et al., 1995).

Fig. 47 Tronco com casca fissurada longitudinal (Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Fig. 48 Ramo com folhas lanceoladas com inserção oposta no ramo, nervura mediana da folha evidente e nervuras secundárias pouco pronunciadas, pecíolo curto, lâmina brilhante (Foto: Jose Fernando Vargas, 2017).

Cultivo: Propagação por sementes coletadas sacudindo os galhos da árvore, logo que os frutos iniciarem a queda natural. Colocar as sementes para germinação logo após colhidas em canteiros semi-sombreados. Taxa de germinação menor do que 50% (LORENZI, 1998; CALIL et al., 2008). Dados experimentais mostraram que as sementes germinam em vermiculita e areia nas temperaturas de 20 a 25 °C. Preferência por solos férteis e que retenham um pouco de umidade (sem encharcamento), a pleno sol (climas subtropicais) ou meia-sombra (climas tropicais). O crescimento das mudas no campo é moderado (REGO et al., 2009).

Parte Utilizada: Folhas (GODINHO et al., 2014), cascas e ramos (HABERMANN et al., 2016).

Dados químicos: Substâncias fenólicas, óleos essenciais (HABERMANN et al., 2016), triterpenos, flavonoides (GODINHO et al., 2014).

Usos Populares: Antidiarreicas, digestivas e no tratamento de cistites e uretrites, tosse, bronquite, reumatismo, artrite, sinusite, adstringente, antibacteriano e antiespasmódico (COSTA et al., 2014).

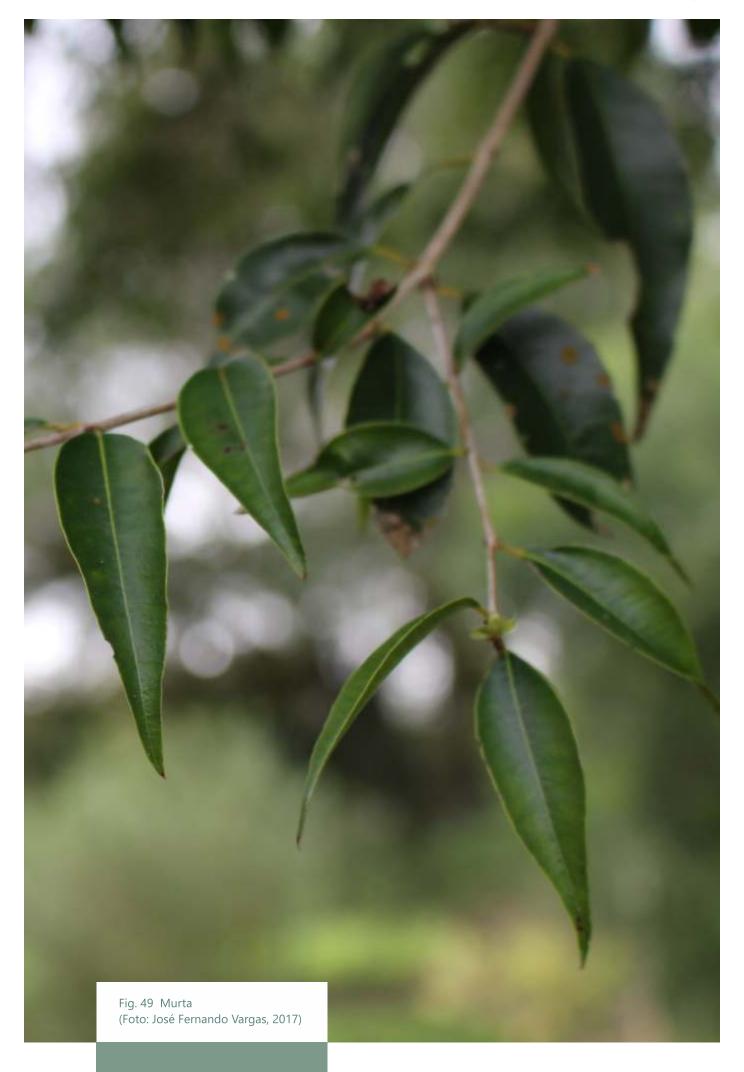



Fig. 49 Murta
(Foto: José Fernando Vargas, 2017)

REFERÊNCIAS

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular: atlas farmacognóstico**. Canoas: ULBRA, 1995. p.56-58.

CALIL, A. C.;, LEONHARDT, C.; SILVA, V. S.; SOUZA, L. S. Qualidade fisiológica de sementes de murta (*Blepharocalyx salicifolius* (Kunth) O. Berg - Myrtaceae) durante armazenamento. **Pesquisa Agropequária Gaúcha**, Porto Alegre-RS, v.14, n.1, p.47-52, 2008.

COSTA, O.B.; DEL MENEZZI, C.H.S.; BENEDITO, L.E.C.; RESCK, I.S.; VIEIRA, R.F.; BIZZO, H. R. Essential Oil Constituents and Yields from Leaves of *Blepharocalyx salicifolius* (Kunt) O. Berg and *Myracrodruon urundeuva* (Allemão) Collected during Daytime. **International Journal of Forestry Research**, Volume 2014. Disponível em:<https://www.hindawi.com/journals/ijfr/2014/982576/>. Acesso em: 15 dez. 2017.

GODINHO, W.M.; FARNEZI, M.M.; PEREIRA, I.; GREGÓRIO, L.E.; GRAEL, C.F.F. Volatile constituents from leaves of *Blepharocalyx salicifolius* (Kunth) O. Berg (Myrtaceae). **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, Santiago do Chile, v. 13, n. 3, p. 249 – 253, 2014.

HABERMANN, E.; IMATOMI, M.; PONTES, F.C.; GUALTIERI, S.C. Antioxidant activity and phenol content of extracts of bark, stems, and young and mature leaves from *Blepharocalyx salicifolius* (Kunth) O. Berg. **Brazilian Journal of Biology**, São Carlos, v. 76, n. 4. p. 898-904. Oct-Dec. 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/ pubmed/27191469>. Acesso em: 15 dez. 2017.

LORENZI, H. **Arvores brasileiras**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 1998. V.2. p. 244.

REGO, S. S; NOGUEIRA, A. C; KUNIYOSHI4, Y. S; SANTOS, A. F. Germinação de Sementes de *Blepharocalyx salicifolius* (H.B.K.) Berg. em Diferentes substratos e condições de temperaturas, luz e umidade. **Revista Brasileira de Sementes**, Londrina, v. 31, n. 2, p.212-220, 2009.

SOBRAL, M.; PROENÇA, C.; SOUZA, M.; MAZINE, F.; LUCAS, E. **Myrtaceae**. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB10262>. Acesso em: 06 jul. 2018.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Blepharocalyx salicifolius*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/22102059>. Acesso em: 01 nov. 2017.

Pitangueira

Eugenia uniflora   Myrtaceae

Nome científico ou botânico: *Eugenia uniflora* L. (TROPICOS, s.d.)

Família: Myrtaceae

Outros nomes populares: Pitanga-do-mato, pitanga-roxa, pitanga (BACKES; IRGANG, 2002), cerejeira-brasileira, ginja, pitanga-branca, pitanga-rósea, pitanga-vermelha, pitangueira-comum, pitangueira-miúda, pitangueira-vermelha (LORENZI; MATOS, 2002).

Distribuição: Nativa no Brasil, também ocorre no Uruguai e Argentina (cultivada) (BACKES; IRGANG, 2002; ALICE et al., 1995; SIMÕES et al., 1989). Ocorrências confirmadas no Brasil: Nordeste (Bahia); Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul); Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo); Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) (SOBRAL et al., 2015).

Descrição: Arbusto ou árvore de 4 a 10 m de altura, muito ramificado. Tronco liso de cor pardo-claro a cinza-claro (Fig. 50). Folhas simples, inteiras, filotaxia oposta, pecíolo curto, verde-escuras e brilhante na face adaxial e verde mais claro na face abaxial, com aroma característico quando amassadas (LORENZI; MATOS, 2002). Flores solitárias ou fasciculadas (4 a 8), na axila das brácteas sobre a base dos ramos jovens, pequenas, de cor branco-creme, pedicelo de 1,0 a 3,0 cm de comprimento (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011). Frutos constituídos de bagas carnosas, achatadas, sulcadas longitudinalmente, com o cálice persistente, amarelas passando a alaranjadas, vermelho-claras e roxo-escuras, com 8 costelas ou gomos (CASTRO; CHEMALE, 1995; LORENZI; MATOS, 2002) (Fig.51, Fig. 52).

Fig. 50 Caule de cor cinza claro e ramificado (Foto: José Fernando Vargas, 2017)

Fig. 51 Ramo com folhas, frutos em diferentes estádios de maturação. Folhas com inserção oposta, pecíolo curto, lâmina brilhante (Foto: Mariano Pairet, 2017)

Cultivo: Propagação feita por sementes, cultivadas em embalagens individuais altas para não dobrar a raiz principal que é longa e pivotante. O nascimento é irregular e demorado, as mudas devem ficar no viveiro até que tenham cerca de 20 cm. Cultivadas em solos de várzeas, úmidos e ricos em matéria orgânica, mas também pode ser plantada em solos mais secos (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Parte Utilizada: Folhas (BRASIL, 2010; SIMÕES et al., 1989), frutos (LORENZI; MATOS, 2002), casca (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005).

Dados químicos: Flavonoides, óleos essenciais (BRASIL, 2010), saponinas, taninos (LORENZI; MATOS, 2002).

Usos Populares: O chá das folhas e frutos é usado como febrífugo, excitante, antirreumático, contra cólica, colite, disenteria, diarreia, gripe, tosse, em cólicas de menstruação, doenças do estômago, para baixar o colesterol e diabetes e como fortificante. A casca é empregada em casos de diarreia (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005). O extrato alcoólico é recomendado para ansiedade, bronquite, hipertensão arterial e verminoses (LORENZI; MATOS, 2002), antibacteriano, antifúngico (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

OBSERVAÇÕES: Também é usada em banhos de descarga em religiões (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005). Os extratos aquoso e alcoólico apresentaram ação antibacteriana (SIMÕES et al., 1989). Esta espécie consta da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) (BRASIL, 2009) e faz parte das monografias de controle de qualidade para produção de fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira V ed. (BRASIL, 2010).

Fig. 52 Pitangueira
(Foto: Mariano Pairet, 2017)

REFERÊNCIAS

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular:** Atlas Farmacognóstico. Canoas: ULBRA, 1995. p.78-79.

BACKES, P.; IRGANG, B. **Árvores do Sul**. Guia de identificação & interesse ecológico. Rio de Janeiro: Instituto Souza Cruz, 2002. p. 238-239.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. DAF/SCTIE/MS – RENISUS – fev. 2009. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/06/renisus.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Farmacopeia Brasileira**. 5.ed. Brasília: ANVISA, 2010. V.2. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/cd_farmacopeia/pdf/volume2.pdf> Acesso em: 27 nov. 2017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais condimentares e aromáticas**. Descrição e Cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p. 123-126

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p.619-628. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 350-351.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 120-121.

SOBRAL, M.; PROENÇA, C.; SOUZA, M.; MAZINE, F.; LUCAS, E. **Myrtaceae.** In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB10560>. Acesso em: 06 jul. 2018.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Eugenia uniflora*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/22101634> Acesso em: 09 abr. 2017.

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas**, Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em: 09 abr. 2017.

Poejo

Cunila microcephala Lamiaceae

Nome científico ou botânico: *Cunila microcephala* Benth. (TROPICOS, s.d.)

Família: Lamiaceae

Outros nomes populares: Poejo-do-banhado, poejinho (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011), poejo-do-campo (CASTRO; CHEMALE, 1995), poejo-miúdo, poejo-graúdo (AITA et al., 2009).

Distribuição: Planta nativa. Ocorre no Sul do Brasil (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina) (PASTORE; SANTOS, 2015) e no Uruguai e Argentina (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

Descrição: Erva prostrada, aromática, perene, não se elevando mais do que 30 cm do solo, muito ramificada desde a base enraizando em vários pontos em contato com o solo (Fig. 53). Ramos longos, quadrangulares e tenros. Folhas simples, inteiras, oblongas, peninérveas, margem serrado-crenadas ou inteiras, filotaxia oposta cruzada (Fig. 54). Flores brancas com manchas violáceas nas pétalas inferiores, inflorescência em glomérulos. Frutos divididos em aquênios muito pequenos e de cor pardo-amarelados a escuros (SIMÕES et al., 1989; CASTRO; CHEMALLE, 1995).

Fig. 53 Canteiro de poejo (Foto: José Fernando Vargas, 2017)

Cultivo: Cultivada a pleno sol ou meia sombra, em solo fértil, enriquecido com matéria orgânica e irrigado regularmente. Pode vegetar locais úmidos ou mais secos, permanecendo assim com porte mais baixo, sendo capaz de tolerar períodos curtos de estiagem. Prefere o clima ameno ao calor. Multiplica-se por estaquia dos ramos ou por sementes (CASTRO; CHEMALE, 1995; CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

Parte Utilizada: Caule (partes aéreas) (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011), folhas e flores (SIMÕES et al., 1989; BORGES et al., s.d.; TOLEDO; ALQUINI; NAKASHIMA, 2004).

Dados químicos: Óleo essencial, flavonoides (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011), taninos, cumarinas (HORN et al., 2016).

Usos Populares: Antiespasmódica, estimulante aromática, em afecções respiratórias, tosses (TOLEDO; ALQUINI; NAKASHIMA, 2014; CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011) emenagoga, digestiva, febrífuga (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011). Tem ação sobre tosses crônicas de natureza brônquica ou pulmonar, além de ser usada nos casos de tuberculose. Emprego das folhas e caules contra gripe, problemas de estômago e cólicas de bebê (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005).

Fig. 54 Ramo com folhas opostas (Foto: José Fernando Vargas, 2017)

OBSERVAÇÕES: Existe outra espécie da mesma família chamada poejo (*Mentha pulegium* L.) de origem europeia, utilizada popularmente para os mesmos fins. Ambas as espécies devem ser empregadas com cautela devido a presença de mentofurano e pulegona no óleo essencial, constituintes de ação hepatotóxica (LORENZI; MATOS, 2002; AITA et al., 2009). Contraindicada para mulheres grávidas (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

REFERÊNCIAS

AITA, A. M.; MATSUURA, H. N.; MACHADO, C. A.M.; RITTER, M. R. Espécies medicinais comercializadas como "quebra-pedras" em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v.19, n.2A, p.471-477, Abr./Jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v19n2a/a22v192a.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas**: Descrição e Cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p.127-129.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p.596-598. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

HORN, R.C.; MAGNI, M.P.; MORI, N.C.; JUNGES, L.; GOLLE, D.P.; KOEFENDER, J.; MANFIO, C.E.; GELATTI, G.T.; FELIPPIN, T. Avaliação "in vitro" do efeito da infusão de *Cunila microcephala* Benth sobre a atividade da enzima acetilcolinesterase e biomarcadores de estresse oxidativo em eritrócitos de agricultores. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Campinas, v.18, n.1, supl. I, p.341-348, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v18n1s1/1516-0572-rbpm18-1-s1-0341.pdf>. Acesso em: 20 dez 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 249.

PASTORE, J.F.; SANTOS, E.P. Cunila. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB8134>. Acesso em 06 jul. 2018.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p. 124-125.

TOLEDO, M. G. T.; ALQUINI, Y.; NAKASHIMA, T. Caracterização anatômica das folhas de *Cunila microcephala* Benth.(Lamiaceae). **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, São Paulo, v.40, n.4, out/dez, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcf/v40n4/v40n4a06.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Cunila microcephala*. Disponível em: <http://tropicos.org/Name/17600764> Acesso em: 15 agosto 2017.

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas,** Botânica, São Leopoldo, n. 56, p. 285-322, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em: 20 Ago 2017.

Quebra-pedra

Phyllanthus niruri   Phyllanthaceae

Nome científico ou botânico: *Phyllanthus niruri* L. (TROPICOS, s.d.)

Família: Phyllanthaceae

Outros nomes populares: Arrebenta-pedra, arranca-pedras, conami, erva-pombinha, fura-parede, quebra-panela, quebra-pedra-branco, rebenta-pedra, saudade-da-mulher, saúde-da-mulher, saxífraga (LORENZI; MATOS, 2002), erva-pombinha (SIMÕES et al., 1989), quebra-pedra verdadeiro (AITA et al., 2009).

Distribuição: Espécie nativa das Américas distribui-se dos Estados Unidos até o sul do Brasil e Argentina (SIMÕES et al., 1989). Ocorre em quase toda a região tropical do globo (LORENZI; MATOS, 2002). Ocorrências confirmadas no Brasil: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins), Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) (SECCO et al., 2015)

Descrição: Erva ereta, anual, baixa (de até 60cm de altura) (BRASIL, 2010), ramificada horizontalmente. Folhas simples, pequenas, com pecíolo muito curto, filotaxia alterna, forma oblonga de base assimétrica, membranácea, nervura principal evidente na face abaxial (Fig. 55). Flores pequenas, estaminadas na parte superior do ramo, na junção da folha, solitárias, flores pistiladas pedunculadas abaixo dos ramos (Fig. 56, Fig. 57). Frutos pequenos, pedunculados, tipo cápsula tricoca, posicionados em linha ao longo do ramo. Sementes muito pequenas, ásperas e escuras, com 3 faces sendo uma curva (dorso) e duas retas em cunha, em numero de 3 por fruto (SIMÕES et al., 1989).

Fig. 55 Ramo com folhas com filotaxia alterna, pecíolo curto, flores estaminadas na parte de cima do ramo. (Foto: Mariano Pairet, 2017)

Fig. 56 Ramo com flores estaminadas na parte de cima do ramo e flor pistilada na parte de baixo do ramo (Foto: Mariano Pairet, 2017)

Fig. 57 Ramo com flores pistiladas que formarão frutos alinhados ao longo do ramo e também observa-se a face abaxial das folhas com nervura principal bem evidente (Foto: Mariano Pairet, 2017)

Cultivo: Propagação por sementes. A germinação se dá ao abrigo da luz em embalagens com terra ou caixas de areia, não devem ser recobertas e necessitam de irrigação frequente. São adaptadas a qualquer tipo de solo, planta ruderal (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Parte Utilizada: Partes aéreas (BRASIL, 2010) com flor, raiz, semente (TESKE; TRENTINI, 1995).

Dados químicos: Flavonoides, lignanas, terpenoides, alcaloides (LORENZI; MATOS, 2002), taninos (BRASIL, 2010).

Usos Populares: A parte aérea é usada como diurética em casos de pedra nos rins e problemas renais. Usada como desobstruente e sudorífica. As folhas e as sementes são empregadas para o tratamento do diabetes. É também amargo-tônica e usada nos casos de icterícia, febres palustres e afecções urinárias (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005).

OBSERVAÇÕES: Esta espécie consta da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS) (BRASIL, 2009), faz parte das monografias da Farmacopeia Brasileira V ed. (BRASIL, 2010) e está presente no Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira (BRASIL, 2011). É indicada como litolítica (quebra-pedras) nos casos de litíase urinária (BRASIL, 2011). Outras espécie de *Phyllanthus* são semelhantes morfologicamente e facilmente encontradas no Brasil, sendo usadas para o mesmo fim terapêutico como *P. tenellus* Roxb. no Sul e Sudeste, *P. amarus* Schumach & Thonn no Nordeste, *P. urinaria* L. na região Norte (LORENZI; MATOS, 2002). Contraindicada para gestantes (BRASIL, 2011). Concentrações acima das recomendadas podem causar diarreia e hipotensão arterial (BRASIL, 2011). Apresente ação antiviral para hepatite B (LORENZI; MATOS, 2002). Outra planta denominada quebra-pedra é a *Euphorbia prostrata* Aiton (família Euphorbiaceae), de hábito rasteiro. Quando quebrada libera látex leitoso sendo considerada planta tóxica (AITA et al., 2009).

REFERÊNCIAS

AITA, A. M.; MATSUURA, H. N.; MACHADO, C. A.M.; RITTER, M. R. Espécies medicinais comercializadas como “quebra-pedras” em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. Curitiba, v.19, n.2A, p.471-477, Abr./Jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v19n2a/a22v192a.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS. DAF/SCTIE/MS – RENISUS - fev/2009. Disponível em: <http://portal arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/junho/06/renisus.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Farmacopeia Brasileira**. 5.ed. Brasilia: ANVISA, 2010., v.2. Monografias. p. 1229-1234. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/cd_farmacopeia/pdf/volume2.pdf>. Acesso em 20 dez. 2017.

BRASIL. ANVISA. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira**, 1.ed. Brasilia: ANVISA, 2011. p. 50. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/julho/14/Formulario-de-Fitoterapicos-da-Farmacopeia-Brasileira-sem-marca.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2018.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas:** Descrição e cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p.130-132.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 215-216.

SECCO, R.; CORDEIRO, I.; MARTINS, E.R.; ZAPPI, D. 2015. Phyllanthaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB24168>. Acesso em: 02 abr. 2018.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R**. Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1989. p.72-73.

TESKE, M.; TRENTINI, A.M.M. Herbarium. **Compêndio de fitoterapia**. 2.ed. Curitiba: Herbarium, 1995. p. 238-239.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Phyllantus niruri*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Name/12800264>. Acesso em: 30 mar. 2017

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas**. Pesquisas**, Botânica nº 56: 285-322, São Leopoldo: In: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em: 30 mar. 2017.

Sabugueiro

Sambucus australis Adoxaceae

Nome científico ou botânico: *Sambucus australis* Cham. & Schltdl. (TROPICOS, s.d.)

Família: Adoxaceae

Outros nomes populares: Sabugueiro-da-America, sabugueiro-do-brasil (CASTRO; CHEMALE, 1995), sabugueiro-do-rio-grande (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

Distribuição: Espécie nativa. Ocorre no Brasil no Sudeste (Minas Gerais, Reio de Janeiro, São Paulo) e no Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná). Também na Argentina e Uruguai (HINOSHITA; GOLDENBERG, s.d.; CASTRO; CHEMALE, 1995), Bolívia e Paraguai (ALICE et al., 1995).

Descrição: Arbustos ou árvores pequenas (3-8m) (ALICE et al., 1995), com casca rugosa, sulcada longitudinalmente (Fig. 58), facilmente reconhecidos pelas folhas compostas com 7-11 folíolos e com estípulas foliáceas na base do pecíolo (Fig. 59). Flores brancas, reunidas em corimbos terminais e de odor muito fraco (Fig. 60). Frutos do tipo baga, ovoide de cor negra ou roxo-escuras (LORENZI; MATOS, 2002; CASTRO; CHEMALE, 1995; CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011).

Fig. 58 Tronco com casca rugosa, sulcada longitudinalmente (Foto: José Fernando Vargas, 2017)

Fig. 59 Ramo com folhas imparipenadas, compostas com 7-11 folíolos
(Foto: José Fernando Vargas, 2017)

Fig. 60 Vista do ramo com folhas e flores (Foto: Diego Rocha Chollet, 2013)

Cultivo: São cultivadas como ornamentais e também utilizadas na medicina popular. A propagação é por brotações de raízes ou estacas de ramos, feita em viveiros antes de ir para o solo direto (CORADIN; SIMINSKI; REIS. Adaptam-se melhor em solos arenoso-argilosos, profundos e férteis, sem umidade excessiva (CASTRO; CHEMALE, 1995).

Parte Utilizada: Partes aéreas, principalmente as flores (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011), entrecascas, frutos (LORENZIN; MATOS, 2002; VENDRUSCOLO et al., 2005).

Dados químicos: Flavonoides, terpenos, esteroides, glicosídeos, alcaloides e ácidos graxos (LORENZI; MATOS, 2002).

Usos Populares: Uso da folha como anti-inflamatória, cicatrizante, emenagoga, no sarampo, hepatite e gripe recolhida, sudorífera e purgativa e emprego da inflorescência em casos de sarampo e como expectorante. As folhas, flores e a casca do caule são utilizadas como anti-inflamatórias, cicatrizantes e no sarampo. As folhas e a casca do caule são usadas em gripes e como febrífugas. Frutos teriam ação sobre o aparelho respiratório. Utilizada para aliviar erisipela, febre, furúnculos, gripe, hemorroidas, intestino preso, tosse, varíola (VENDRUSCOLO; SIMÕES; MENTZ, 2005).

OBSERVAÇÕES: *Sambucus australis* faz parte das monografias da Farmacopeia Brasileira V ed. (BRASIL, 2010). Se diferencia de *Sambucus nigra* por este apresentar menor número de folíolos, o gineceu tem três lóculos e as flores são caracteristicamente perfumadas, enquanto que o gineceu de *Sambucus australis* possui cinco lóbulos (SIMÕES et al., 1989). É relatado para *Sambucus nigra* a presença de substâncias tóxicas (glicosídeos cianogenéticos) nas folhas, não sendo recomendada sua utilização (BRASIL, 2011).

REFERÊNCIAS

ALICE, C.B.; SIQUEIRA, N.C.S.; MENTZ, L.A.; SILVA, G.A.A.B.; JOSÉ, K.F.D. **Plantas medicinais de uso popular**: Atlas farmacognóstico. Canoas, ULBRA, 1995. p.142-143

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Farmacopeia Brasileira. 5.ed. Brasília: ANVISA, 2010. v.2. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/cd_farmacopeia/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BRASIL. ANVISA. **Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira.** Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011. p. 60. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/hotsite/farmacopeiabrasileira/conteudo/Formulario_de_Fitoterapicos_da_Farmacopeia_Brasileira.pdf>. Acesso em: 20 dez 2017.

CASTRO, L.O.; CHEMALE, V.M. **Plantas medicinais, condimentares e aromáticas**: Descrição e cultivo. Guaíba: Agropecuária, 1995. p.133-136.

CORADIN L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p.596-598. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

HINOSHITA, L.K.R.; GOLDENBERG, R. Adoxaceae. in: Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB4254>. Acesso em: 27 NOV. 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

SIMÕES, C.M.O.; MENTZ, L.A.; SCHENKEL, E.P.; IRGANG, B.E.; STEHMANN, J.R. **Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul.** 3.ed. Porto Alegre, UFRGS, 1989. P. 126-127.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Sambucus australis*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/ Name/6000522>. Acesso em: 30 mar 2017

VENDRUSCOLO, G. S.; SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A. Etnobotânica no Rio Grande do Sul: Análise Comparativa Entre o Conhecimento Original e Atual Sobre as Plantas Medicinais Nativas. **Pesquisas**, Botânica nº 56: 285-322, São Leopoldo: In: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2005. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/botanica/botanica56/botanica56.htm>. Acesso em: 30 mar 2017.

Sete-sangrias

Cuphea racemosa Lythraceae

Nome científico ou botânico: *Cuphea racemosa* (L.f.) Spreng. (TROPICOS, s.d.)

Família: Lythraceae

Outros nomes populares: Erva-de-sete-sangrias, erva-de-sangue, pé-de-pinto, guanxuma-vermelha (os mesmos de *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J. Macbr. (LORENZI; MATOS, 2002).

Distribuição: Nativa na América do Sul. No Brasil, têm ocorrências confirmadas no Nordeste (Alagoas, Bahia, Pernambuco, Sergipe), Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul), Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul) (CAVALCANTI; GRAHAM, 2015), Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, México, Venezuela, Peru, Paraguai e Uruguai (CAVALCANTI; GRAHAM, 2002).

Descrição: Planta anual, herbácea ou subarbusto (CAVALCANTI; GRAHAM, 2015), ramificada, caule frequentemente com ramificações dicotômicas (FACCO, 2015), de cor marrom-avermelhado, de 20 a 60 cm de altura (Fig. 61). Folhas simples, filotaxia oposta, de consistência membranácea, áspera (CAVALVANTI; GRAHAM, 2002). Flores pequenas, de cor lilás, dispostas em grupos de 2 a 4 nas axilas das folhas (Fig. 62; Fig. 63). Frutos do tipo cápsula alongada, sulcada, com paredes finas que rebentam deixando sair as sementes (FLORA DE LA REPÚBLICA ARGENTINA, s.d.).

Cultivo: As espécies de Cupheas multiplicam-se por sementes (CORADIN; SIMINSKI; REIS, 2011), são pouco exigentes quanto ao tipo de solo, são plantas invasoras de lavoura, ruderais (LORENZI; MATOS, 2002).

Fig. 61 Vista geral da espécie no canteiro da Coleção de Plantas Medicinais do Jardim Botânico (Foto: Mariano Pairet, 2017)

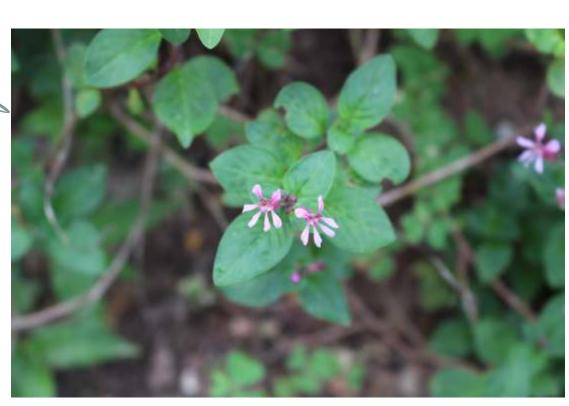



Fig. 62 Ramo com flores e folhas com inserção oposta, nervura mediana da folha bem evidente.
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Fig. 63 Canteiro de sete-sangrias com ramos longos avermelhados e ramificados
(Foto: Jose Fernando Vargas, 2017)

Parte Utilizada: Partes aéreas (ZAGO et al., 2010).

Dados químicos: Não encontrados na literatura.

Usos Populares: Para hipertensão arterial (PAVETTI et al., 1988), infusão usada como adstringente e para diarreia (CRC, 2012). Para as espécies *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J.F. Macbr. e *Cuphea mesostemon* Koehne, chamadas de sete-sangrias, tem os usos como diaforética, diurética, laxativa, antissifilítica e para arteriosclerose na forma de chá, tintura e xarope (LORENZI; MATOS, 2002).

OBSERVAÇÕES: Existem no Brasil outras duas espécies deste gênero: *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J.F. Macbr. e *Cuphea mesostemon* Koehne com características, propriedades, usos e nomes populares semelhantes (LORENZI; MATOS, 2002). Substâncias fenólicas, flavonoides, taninos, saponinas e óleos essencias são relatados para *Cuphea carthagenensis* (LORENZI; MATOS, 2002).

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, T.B.; GRAHAM, S. 2002. Lythraceae. In: WANDERLEY, M.G.L., SHEPHERD, G.J., GIULIETTI, A.M., MELHEM, T.S., BITTRICH, V., KAMEYAMA, C. (eds.) Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo. **Instituto de Botânica**, São Paulo, vol. 2, pp: 163-180. Disponível em: <http://botanica.sp.gov.br/files/2016/02/Lythraceae.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CAVALCANTI, T.B.; GRAHAM, S. 2015. Cuphea. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB8763>. Acesso em: 17 mar. 2017.

CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. **Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial.** Plantas para o futuro – Região Sul. Brasília: MMA, 2011. p.599-600. Disponível em: <https://bibflora.medialab.ufg.br/wp-content/uploads/2017/05/Espe%CC%81cies-nativas-da-flora-brasileira-de-valor-econo%CC%82mico-atual-ou-potencial-plantas-para-o-futuro-%E2%80%93-Regia%CC%83o-Sul.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

CRC World Dictionary of Medicinal and Poisonous Plants. Boca Raton: CRC, 2012. p. 1237. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=-37OBQAAQBAJ&pg=PA1237&lpg=PA1237&dq=cuphea+racemosa&source=bl&ots=8hIElt9oW_&sig=7AgpJqEGYXREEDviZNFQIN2Tqho&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwihzYWS-bjbAhUDTZAKHUNnCBc4HhDoAQgnMAA#v=onepage&q=cuphea%20racemosa&f=false>. Acesso em: 15 fev. 2018.

FACCO, M.G. **Estudo taxonômico do gênero Cuphea P. Browne (Lythraceae) no Rio Grande do Sul**, Brasil. 2015. 163 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Botânica). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. p. 28, 109. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/131911/000981101.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2018.

FLORA de la República Argentina. Buenos Aires, Andrew W. Mellon, [s.d.]. Disponível em: <http://www.floraargentina.edu.ar/detalleespecie.asp?forma=&variedad=&subespecie=racemosa&especie=racemosa&espcod=25070&genero=Cuphea&autor=5641&deDonde=4>. Acesso em 15 fev. 2018.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil nativas e exóticas.** Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. p. 321-322.

PAVETTI, C.; BASUALDO, I.; ORTIZ, M.; SORIA, N. Plantas nativas de uso em medicina popular no Paraguay. Parte III. **Suplemento Acta Amazonica**, Manaus, v.16, n. 1-2, p. 39-48, 1988. Disponível em: <https://acta.inpa.gov.br/mobile/fasciculos/18-2/PDF/v18n2a29.pdf>. Acesso em 17. Fev. 2018.

TROPICOS. org. Missouri Botanical Garden, [s.d.]. *Cuphea racemosa*. Disponível em: <http://www.tropicos.org/ Name/19200007>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ZAGO, A.M.; MANFRON, M.P.; MOREL, A.F.; ZANETTI, G.D. Estudo morfoanatômico das folhas de *Cuphea glutinosa* Cham. & Schltdl., Lythraceae. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Curitiba, v.20, n.4, p. 506-512, ago./set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v20n4/v20n4a08.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2017.

LISTA DA COLEÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS, AROMÁTICAS E CONDIMENTARES DO JARDIM BOTÂNICO DE PORTO ALEGRE, 2016

Nº Canteiro	Família	Nome Científico	Autor	Nome Popular
16I	Adoxaceae	*Sambucus australis*	Cham. & Schltdl.	Sabugueiro
10H	Alismataceae	*Echinodorus grandiflorus*	(Cham. & Schltdl.) Micheli	Chapéu-de-couro
09G	Amaranthaceae	*Alternanthera brasiliana*	(L.) Kuntze	Perpétua-do-mato/Penicilina
14F	Amaranthaceae	*Alternanthera sessilis*	(L.) R.Br. ex DC.	Anador/Piriquita
01B	Amaryllidaceae	*Allium fistulosum*	L.	Cebolinha
03F	Amaryllidaceae	*Allium fistulosum*	L.	Cebolão/cebola
19D	Amaryllidaceae	*Allium porrum*	L.	Alho-poró
19B	Amaryllidaceae	*Allium schoenoprasum*	L.	Cebolinha-francesa
01D	Apiaceae	*Anethum graveolens*	L.	Endro
01H	Apiaceae	*Coriandrum sativum*	L.	Coentro
02D	Apiaceae	*Coriandrum sativum*	L.	Coentro
18B	Apiaceae	*Eryngium campestre*	L.	Cardo-corredor
16K	Apiaceae	*Foeniculum vulgare*	Mill.	Funcho
01F	Apiaceae	*Petroselinum crispum*	(Mill.) Fuss	Salsinha
15B	Araceae	*Colocasia esculenta*	(L.) Schott	Inhame
08A	Araliaceae	*Hydrocotyle bonariensis*	Lam.	Erva-capitão
07G	Arecaceae	*Bactris setosa*	Mart.	Tucum
16A	Aristolochiaceae	*Aristolochia triangularis*	Cham.	Cipó-mil-homens
12D	Asteraceae	*Achillea millefolium*	L.	Mil-folhas
09A	Asteraceae	*Achyrocline satureioides*	(Lam.) DC.	Macela-do-campo
08F	Asteraceae	*Arctium minus*	(Hill) Bernh.	Bardana
04D	Asteraceae	*Artemisia absinthium*	L.	Losna
07A	Asteraceae	*Artemisia camphorata*	Vill.	Cânfora-de-jardim
20B	Asteraceae	*Artemisia dracunculus*	L.	Estragão
08D	Asteraceae	*Artemisia vulgaris*	L.	Artemísia/Infalivina
07D	Asteraceae	*Baccharis articulata*	(Lam.) Pers.	Carquejinha-miúda
OH	Asteraceae	*Baccharis crispa*	Spreng.	Carqueja
11F	Asteraceae	*Baccharis vulneraria*	Baker	Erva-santa
10E	Asteraceae	*Bidens pilosa*	L.	Picão-preto
16A	Asteraceae	*Calea pinnatifida*	(R.Br.) Less	Jasmim-do-mato/Quebra-tudo
OF	Asteraceae	*Chaptalia nutans*	(L.) Pol.	Língua-de-vaca/Arnica-do-campo
11F	Asteraceae	*Chromolaena laevigata*	(Lam.) R.M.King & H.Rob.	Cambará
05F	Asteraceae	*Cirsium vulgare*		Cardo-santo
06G	Asteraceae	*Cynara scolymus*	L.	Alcachofra
14A	Asteraceae	*Cyrtocymura scorpioides*	(Lam.) H.Rob.	Erva-de-são-simão
15B	Asteraceae	*Echinacea purpurea*	(L.) Moench	Equinácea
10D	Asteraceae	*Galinsoga parviflora*	Cav.	Picão-branco
15G	Asteraceae	*Gochnatia cordata*	Less.	Tucurubim
16D	Asteraceae	*Gymnanthemum amygdalinum*	(Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Alumã/boldo
07J	Asteraceae	*Klenia mandraliscae*	Tineo	Bálsamo-azul
02B	Asteraceae	*Matricaria chamomilla*	L.	Camomila
05J	Asteraceae	*Pluchea sagittalis*	(Lam.) Cabrera	Lucera/Quitoco
10C	Asteraceae	*Porophyllum ruderale*	(Jacq.) Cass.	Arnica/Couve-cravinho
05F	Asteraceae	*Santolina chamaecyparissus*	L.	Santolina
15O	Asteraceae	*Silybum marianum*	(L.) Gaertn.	Cardo-mariano
08H	Asteraceae	*Smallanthus sonchifolius*	(Poepp.) H.Rob.	Batata-yacon

(Continua)

(Continuação)

15M	Asteraceae	*Solidago chilensis*	Meyen	Erva-lanceta/Agrião-do-brejo
08G	Asteraceae	*Sphagneticola trilobata*	(L.) Pruski	Vedélia/Picão-da-praia
18D	Asteraceae	*Stevia rebaudiana*	(Bertoni) Bertoni	Estévia
13E	Asteraceae	*Tanacetum vulgare*	L.	Catinga-de-mulata
10G	Asteraceae	*Taraxacum officinale*	Wiggers	Dente-de-leão
16J	Asteraceae	*Vernonanthura tweediana*	(Baker) H.Rob.	Assa-peixe
Cerca	Basellaceae	*Anredera cordifolia*	(Ten.) Steenis	Bertalha
13I	Bignoniaceae	*Dolichandra unguis-cati*	(L.) L.G. Lohmann	Unha-de-gato
03D	Bixaceae	*Bixa orellana*	L.	Urucum
03B	Boraginaceae	*Varronia curassavica*	Jacq.	Erva-baleeira
08E	Boraginaceae	*Symphytum officinale*	L.	Confrei
11F	Brassicaceae	*Armoracia rusticana*	P. Gaertn., B. Mey. & Scherb.	Crem
10A	Cactaceae	*Pereskia aculeata*	Mill.	Ora-pro-nobis
14D	Cannaceae	*Canna indica*	L.	Caitê/Conteira
15C	Celastraceae	*Maytenus ilicifolia*	Mart. ex Reissek	Espinheira-santa
13F	Commelinaceae	*Tradescantia zebrina*	Heynh. ex Bosse	Onda-do-mar
15A	Commelinaceae	*Commelina erecta*	L.	Trapoeraba/Erva-de-santa-luzia
06E	Crassulaceae	*Bryophyllum delagoense*	(Eckl. & Zeyh.) Druce	Bálsamo-canudo
11B	Crassulaceae	*Bryophyllum pinnatum*	(Lam.) Oken	Folha-da-fortuna
13D	Crassulaceae	*Crassula arborescens*	(Mill.) Willd.	Crássula
07F	Crassulaceae	*Sedum dendroideum*	Moc. & Sessé ex DC.	Bálsamo-branco
Cerca	Cucurbitaceae	*Luffa cylindrica*	(L.) M.Roem	Esponja-vegetal
14L	Curcubitaceae	*Momordica charantia*	L.	Melão-de-são-caetano
Ilha frontal	Equisetaceae	*Equisetum hyemale*	L.	Cavalinha
14N	Euphorbiaceae	*Euphorbia pereskiifolia*	Houllet ex Baill.	Cega-olho/Leitosinha
12A	Euphorbiaceae	*Euphorbia tirucalli*	L.	Avelóz
Ilha 1	Euphorbiaceae	*Jatropha gossypiifolia*	L.	Pinhão-roxo
15P	Euphorbiaceae	*Plukenetia volubilis*	L.	Amêndoa-lopo
13C	Fabaceae	*Bauhinia forficata*	Link	Pata-de-vaca
04C	Geraniaceae	*Pelargonium graveolens*	L'Hér.	Malva-cheirosa
04I	Ginkgoaceae	*Ginkgo biloba*	L.	Ginkgo
19A	Hypericaceae	*Hypericum perforatum*	L.	Erva-de-são-joão
12E	Lamiaceae	*Cunila microcephala*	Benth.	Poejinho
03E	Lamiaceae	*Glechon thymoides*	Spreng.	Manjerona-do-campo
Ilha 2	Lamiaceae	*Hyptis comaroides*	(Briq.) Harley & J.F.B. Pastore	Hortelã-do-campo/Santa-maria
04A	Lamiaceae	*Lavandula dentata*	L.	Lavanda
02A	Lamiaceae	*Lavandula angustifolia*	Mill.	Alfazema
15H	Lamiaceae	*Leonotis leonurus*	(L.) R.Br.	Cordão-de-frade
04E	Lamiaceae	*Leonotis nepetifolia*	(L.) R.Br.	Cordão-de-frade
09E	Lamiaceae	*Melissa officinalis*	L.	Melissa/Erva-cidreira
05B	Lamiaceae	*Mentha pulegium*	L.	Poejo-real
05D	Lamiaceae	*Mentha spicata*	L.	Hortelã
05G	Lamiaceae	*Mentha x gentilis*	L.	Menta-levante
05E	Lamiaceae	*Mentha x rotundifolia*	(L.) Huds.	Hortelã-branca
05A	Lamiaceae	*Mentha x villosa*	Huds.	Hortelã-miúdo
12C	Lamiaceae	*Nepeta cataria*	L.	Erva-dos-gatos
03C	Lamiaceae	*Ocimum americanum*	L.	Manjericão
18A	Lamiaceae	*Ocimum basilicum*	L.	Alfavaca/Manjericão-grande

(Continua)

(Continuação)

08C	Lamiaceae	*Ocimum carnosum*	(Spreng.) Link & Otto ex Benth.	Alfavaca-do-mato
17B	Lamiaceae	*Ocimum gratissimum*	L.	Alfavaca-cravo
18E	Lamiaceae	*Origanum x vulgare*	L.	Orégano
Ao fundo	Lamiaceae	*Plectranthus barbatus*	Andrews	Boldo
07I	Lamiaceae	*Plectranthus coleoides*	Benth.	Falsa-hortelã
05H	Lamiaceae	*Plectranthus coleoides*	Benth.	Falsa-hortelã
04H	Lamiaceae	*Plectranthus neochilus*	Schltr.	Falso-boldo
15K	Lamiaceae	*Rosmarinus officinalis*	L.	Alecrim
17F	Lamiaceae	*Rosmarinus officinalis*	L.	Alecrim
02H	Lamiaceae	*Rosmarinus officinalis*	L.	Alecrim
06F	Lamiaceae	*Salvia guaranitica*	A. St.-Hil. ex Benth.	Sálvia-azul
16A	Lamiaceae	*Salvia microphylla*	Kunth	Melhoral
01E	Lamiaceae	*Salvia officinalis*	L.	Sálvia-comum
13A	Lamiaceae	*Stachys byzantina*	K.Koch	Orelha-de-lebre
07C	Lamiaceae	*Tetradenia riparia*	(Hochst.) Codd	Mirra
20C	Lamiaceae	*Thymus vulgaris*	L.	Tomilho
16G	Lythraceae	*Cuphea racemosa*	(L.f.) Spreng.	Sete-sangrias
16E	Malpighiaceae	*Bunchosia armeniaca*	(Cav.) DC	Ciruela
15J	Malvaceae	*Malva parviflora*	L.	Malva-comum
14E	Malvaceae	*Sida rhombifolia*	L.	Guanxuma
09B	Marantaceae	*Maranta arundinacea*	L.	Araruta
15J	Melastomataceae	*Leandra australis*	(Cham.) Cogn.	Pixirica
15G	Myrtaceae	*Blepharocalyx salicifolius*	(Kunth) O.Berg	Murta
Ilha 3	Myrtaceae	*Eugenia uniflora*	L.	Pitangueira
Ilha frontal	Nymphaeaceae	*Nymphaea alba*	L.	Ninféia
14B	Papaveraceae	*Chelidonium majus*	L.	Iodina/Mercurita
03G	Papaveraceae	*Papaver rhoeas*	L.	Papoula
Ilha frontal	Passifloraceae	*Passiflora edulis*	Sims	Maracujá
05I	Phyllanthaceae	*Phyllanthus niruri*	L.	Quebra-pedra
13G	Phytolaccaceae	*Petiveria alliacea*	L.	Guiné
14C	Piperaceae	*Piper regnellii*	(Miq.) C.DC	Pariparoba
10B	Plantaginaceae	*Plantago australis*	Lam.	Tansagem
13B	Plantaginaceae	*Scoparia dulcis*	L.	Vassourinha/Fel-da-terra
15Q	Poaceae	*Chrysopogon zizanioides*	(L.) Roberty	Vetiver
15T	Poaceae	*Coix lacryma-jobi*	L.	Lágrima-de-nossa-senhora
15V	Poaceae	*Cymbopogon citratus*	(DC.) Stapf	Capim-cidró
15R	Poaceae	*Cymbopogon martini*	(Roxb.) J.F.Watson	Palma-rosa
15S	Poaceae	*Cymbopogon winterianus*	Jowitt ex Bor	Citronela
15X	Poaceae	*Elionurus muticus*	(Spreng.) Kuntze	Capim-limão
08B	Polygonaceae	*Muehlenbeckia sagittifolia*	(Ortega) Meisn.	Salsaparrilha-do-rio-grande
04G	Polygonaceae	*Polygonum punctatum*	Elliott	Erva-de-bicho
16B	Pteridaceae	*Adiantum raddianum*	C. Presl	Avenca
16A	Rhamnaceae	*Scutia buxifolia*	Reissek	Coronilha/Espinho-de-touro
16F	Rosaceae	*Cydonia oblonga*	Mill.	Marmelo
15F	Rosaceae	*Prunus mume*	(Siebold) Siebold & Zucc.	Ameixa-japonesa/ Damasqueiro-japonês

(Continua)

(Continuação)

14F	Rubiaceae	*Borreria verticillata*	(L.) G.Mey.	Vassourinha-de-botão
14G	Rubiaceae	*Diodia saponariifolia*	(Cham. & Schltdl.) K.Schum.	Poaia-do-brejo
Ilha frontal	Rutaceae	*Ruta graveolens*	L.	Arruda
16C	Santalaceae	*Jodina rhombifolia*	(Hook. & Arn.) Reissek	Cancorosa-de-três-pontas
17D	Solanaceae	*Capsicum annuum*	L.	Pimentão
18E	Solanaceae	*Capsicum annuum*	L.	Pimentão
02F	Solanaceae	*Capsicum frutescens*	L.	Pimenta
17A	Solanaceae	*Capsicum frutescens*	L.	Pimenta-malagueta
17C	Solanaceae	*Capsicum frutescens*	L.	Pimenta
15Y	Solanaceae	*Nicotiana glauca*	Graham	Couve-do-mato
06G	Solanaceae	*Physalis angulata*	L.	Saco-de-bode
16L	Solanaceae	*Solanum aethiopicum*	L.	Jiló
14M	Solanaceae	*Solanum betaceum*	Cav.	Tomate-de-árvore
09F	Solanaceae	*Solanum cernuum*	Vell.	Panacéia
04J	Solanaceae	*Solanum muricatum*	Ait.	Melão-andino
04B	Solanaceae	*Solanum paniculatum*	L.	Jurubeba
12B	Solanaceae	*Solanum sciadostylis*	(Sendtn.) Bohs	Baga-de-veado
14I	Solanaceae	*Solanum sisymbriifolium*	Lam.	Joá
10F	Tropaeolaceae	*Tropaeolum majus*	L.	Capuchinha
08C	Verbenaceae	*Aloysia citriodora*	Palau	Cidró-arbusto
07E	Verbenaceae	*Aloysia gratissima*	(Gillies & Hook.) Tronc.	Erva-santa
14J	Verbenaceae	*Aloysia polystachya*	(Griseb.) Moldenke	Burrito
09C	Verbenaceae	*Bouchea fluminensis*	(Vell.) Moldenke	Falso-gervão/Gervão-da-folha-grande
15U	Verbenaceae	*Lippia alba*	(Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Erva-cidreira/Falsa-melissa
15L	Verbenaceae	*Phyla dulcis*	(Trevir.) Moldenke	Erva-doce-dos-astecas
11A	Verbenaceae	*Stachytarpheta cayennensis*	(Rich.) Vahl	Gervão-azul
11E	Violaceae	*Viola odorata*	L.	Viola-medicinal
15D	Vitaceae	*Cissus verticillata*	(L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Insulina-vegetal
06A	Xanthorrhoeaceae	*Aloe arborescens*	Mill.	Babosa-de-arbusto
06C	Xanthorrhoeaceae	*Aloe maculata*	All.	Babosa-africana
06E	Xanthorrhoeaceae	*Aloe somaliensis*	C.H. Wright ex W. Watson	Babosa
06B	Xanthorrhoeaceae	*Aloe vera*	(L.) Burm. f.	Babosa-medicinal
OB	Zingiberaceae	*Alpinia zerumbet*	(Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm.	Gengibre-concha/Alpínia
02C	Zingiberaceae	*Curcuma longa*	L.	Cúrcuma/Açafrão-da-terra
02E	Zingiberaceae	*Zingiber officinale*	Roscoe	Gengibre

Fonte: Acervo técnico do Jardim Botânico de Porto Alegre. Lista da Coleção de Plantas Medicinais, Aromáticas e Condimentares do Jardim Botânico de Porto Alegre, 2016.

Chapéu-de-Couro
(Foto: Clarice A. Machado, 2018)

GLOSSÁRIO

anual: é uma planta que completa o ciclo de vida em um único periodo vegetativo, cerca de um ano.

ápice acuminado: o limbo estreita-se gradualmente para o ápice, terminando em ponta excessivamente aguda.

ápice agudo: a região apical termina em ângulo agudo de maneira abrupta.

ápice arredondado: o ápice forma um arco suave.

ápice mucronado: ápice do limbo termina com uma reentrância pouco profunda, com bordos arredondados e com uma ponta (mucron) saindo do centro da emarginação.

aquênio: fruto seco que não se abre na maturação, com apenas uma semente não aderida nas paredes do mesmo.

base aguda: quando os bordos na inserção com o pecíolo formam um ângulo agudo.

base arredondada: a base forma um arco suave.

base atenuada: com a região basal do limbo estreitando-se gradualmente.

coriácea: refere-se à textura da folha, semelhante a couro.

decocção: processo que consiste em colocar a planta medicinal em um recipiente contendo água potável e ferver de dez a quinze minutos com o recipiente tampado. Coar, colocar em uma xícara e aguardar 5 minutos para beber. Indicado para preparo de partes duras das plantas como cascas, raízes, caules e sementes.

emenagoga: que provoca menstruação, nas doses fortes pode ser abortivo.

face abaxial: face inferior ou dorsal da folha.

face adaxial: face superior ou ventral da folha.

febrífuga: que reduz a febre, o mesmo que antifebril ou antitérmico.

filotaxia alterna: disposição das folhas no ramo.

filotaxia oposta cruzada: disposição das folhas no ramo.

flores em corimbos: inflorescência onde as flores surgem de pontos diferentes ao longo do seu eixo, mas todas elas terminam em um mesmo plano, já que as flores mais basais possuem pedicelos maiores

flores estaminadas: flor que apresenta um dos elementos de reprodução, o androceu. Um estame é constituído por três partes: antera (onde tem pólen), conectivo e filete.

flores pistiladas: flor que apresenta um dos elementos de reprodução, o gineceu. Pistilo corresponde ao conjunto de órgãos femininos das flores das Angiospermas: o estigma, o estilete, e o ovário.

folha membranácea: refere-se à textura da folha, semelhante a membrana fina e delicada.

folha oblongo-lanceolada: refere-se a forma da folha.

folha obovada: refere-se a forma da folha, a parte mais larga é próxima ao ápice do limbo (quando a parte mais estreita da lâmina foliar se encontra perto do pecíolo ou da bainha).

folha obtusa: define a base de uma folha onde as margens se aproximam em ângulo maior de 90º, podendo estas margens ser retas ou arredondadas.

folha palminérvea: classificação quanto à forma da nervação, ou digitinérvea - nervuras saem do mesmo ponto e divergem em várias direções.

folha peninérvea: classificação quanto à forma da nervação, com nervuras secundárias ao longo da principal, forma de pena de ave.

forma elíptica: refere-se à forma da folha, lembra uma elipse, mais larga no meio e o comprimento duas vezes a largura.

forma lanceolada: refere-se à forma da folha em forma de lança; a folha é mais longa que larga e estreita-se em direção ao ápice.

forma oblonga: forma aproximadamente retangular, com polos arredondados.

forma oblongo-lanceolada: a folha tem forma lanceolada, mas invertida com a parte mais larga no ápice.

forma rombiforme: a forma da folha lembra a forma de um losango.

fruto baga: fruto simples, carnoso, indeiscente, frequentemente comestível, com um ou mais carpelos e sementes (p.ex., tomate, uva, mamão, goiaba, etc).

fruto cápsula: frutos secos e deiscentes, compostos por mais de um carpelo. De todas as categorias de frutos, esta é a mais variável, tanto no número de carpelos como no tipo de deiscência. Alguns frutos capsulares, como o quiabo e frutos de alguns hibiscos, são comestíveis antes da sua maturação.

fruto núcula: Fruto seco indeiscente, isto é, que não se abre espontaneamente ao amadurecer, geralmente unilocular e monospérmico. A núcula distingue-se dos frutos do tipo noz pelo seu menor tamanho.

glabra: refere-se a qualquer estrutura vegetal desprovida de pelos e lisa.

herbivoria: é um tipo de relação ecológica que ocorre entre certos animais e plantas. Nesta relação os animais ingerem partes da planta viva para seu alimento e nutrição.

hidropsia: (=hidropisia) é a acumulação anormal de fluido nas cavidades naturais do corpo ou no tecido celular. O termo pode ser usado como sinônimo de edema. Historicamente, hidropisia, como doença, designava a causa principal dos edemas generalizados.

inflorescência axilar: refere-se a flores que nascem sobre o ponto de inserção da folha no caule, no lado interno.

inflorescência em racemo: inflorescência cujo eixo principal apresenta flores laterais pedunculadas, similar ao termo cacho.

inflorescências paniculadas: inflorescência do tipo racemo composto, ou seja, um racemo de racemos como na inflorescência da uva.

infusão: processo que consiste em verter água potável fervente sobre a planta medicinal já colocada em uma xícara, abafar por dez minutos em repouso e coar em seguida. Indicada para chás a base de flores, folhas e frutos; o mesmo que chá ou chá abafado.

mericarpos: são as camadas que formam o fruto: Epicarpo (camada externa, normalmente uma camada membranácea e fibrosa; pode ser lisa, rugosa, pilosa ou espinosa); Mesocarpo (camada imediatamente abaixo do epicarpo, suculenta); Endocarpo (camada mais interna, normalmente a camada mais rígida que envolve as sementes).

perene: refere-se à planta que tem ciclo vegetativo não determinado, sempre superior a dois anos.

perianto: conjunto de verticilos protetores da flor, isto é, cálice e corola.

permacultura: é um sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza. Surgiu da expressão em inglês "Permanent Agriculture" criada por Bill Mollison e David Holmgren na década de 1970.

ruderal: diz-se de espécie ou vegetal que cresce espontaneamente ao redor das habitações humanas, em terrenos baldios, entre detritos, etc.